



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos

Cindy Dafflon (e-mail: dafflon.cindy@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento sob a orientação da Professora Doutora Teresa Sousa Machado

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos

Estudámos o efeito da idade, inteligência verbal e não-verbal, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório na sugestionabilidade interrogativa de crianças medida através do *Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS)*. A amostra é constituída por 122 crianças de 6, 7 e 8 anos. O BTSS apresentou boas características psicométricas quanto à consistência interna ($\alpha=.747$). A análise em componentes principais revelou uma estrutura ligeiramente diferente da original. Verificámos que as crianças de 8 anos são menos sugestionáveis que as de 6 anos. Não foram encontradas diferenças significativas entre as crianças Conservadoras e Não Conservadoras no que respeita à sugestionabilidade. As crianças de 6 anos com resultados superiores no Vocabulário (subteste da WISC-III) são menos sugestionáveis do que as que obtêm resultados inferiores. Esta variável revelou ser uma boa preditora da sugestionabilidade nesta idade. Reportando-nos ainda às crianças com 6 anos, aquelas com resultados superiores na inteligência verbal evocaram mais informação espontaneamente. Quanto às crianças de 7 anos, a sugestionabilidade revelou correlações negativas e significativas com a Memória, Vocabulário, Compreensão e Vinculação. No que respeita aos preditores da sugestionabilidade nesta idade, observou-se que a Memória, a inteligência verbal e a Vinculação possuem significância estatística. Para as crianças de 8 anos, podemos dizer que são tanto mais sugestionáveis quanto piores são os resultados nos subtestes verbais da WISC-III (Informação, Vocabulário e Compreensão). A inteligência verbal revelou ser uma boa preditora da sugestionabilidade nas crianças com 8 anos. Encontrou-se, ainda, uma correlação positiva entre a Memória e a Compreensão.

Palavras-chave: Sugestionabilidade interrogativa; inteligência; memória; vinculação; autoconceito; desenvolvimento operatório.

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Effects of the variables intelligence, memory, attachment, self-concept and operational development in 6, 7 and 8 years-old children

We have studied the effects of age, verbal and non-verbal intelligence, memory, attachment, self-concept and operational development in interrogative suggestibility of children measured by the *Bonn Test of Statement Suggestibility* (BTSS). We used a sample of 122 children, aged 6, 7 and 8 years old. The BTSS showed good psychometric characteristics in what concerns internal consistency ($\alpha=.747$). The results of the analysis of the main components showed a slightly different structure from the original. We found that children of 8 years old are less suggestible than those of 6 years old. There were no significant differences in suggestibility between Conservative and Non-Conservative children. Six years old children with superior results in Vocabulary (subtest of the WISC-III) are less suggestible than those who get inferior results. This variable proved to be a good predictor of suggestibility at this age. Six years old children with better results in verbal intelligence, spontaneously recall more information. For children aged 7 years old, suggestibility revealed significant and negative correlations with Memory, Vocabulary, Comprehension, and Attachment. As regards the predictors of suggestibility for this age, it was observed that Memory, verbal intelligence and Attachment have statistical significance. For children aged 8 years old, we can say that the worse the results in the verbal subtests of the WISC-III (Information, Vocabulary and Comprehension) are, the more suggestible they are. Verbal intelligence proved to be a good predictor of suggestibility in children aged 8 years old. We also found a positive correlation between Memory and Comprehension.

Key Words: Interrogative suggestibility; intelligence; memory; attachment; self-concept; operational development.

Agradecimentos

Aos meus pais, os responsáveis por eu estar aqui hoje;

Aos meus amigos, pelos momentos de descontração e descompressão partilhados;

Ao Ludovico, pelo apoio, paciência e carinho;

À Professora Doutora Teresa Machado, pelo acompanhamento, orientação crítica e construtiva e pela bibliografia recomendada;

À Dra. Marta Oliveira, pela orientação e ajuda na análise estatística dos dados,

Obrigada.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1. Sugestionabilidade Interrogativa em Crianças	2
2. Tipo de questionamento	3
3. Diferenças individuais e sugestionabilidade interrogativa em crianças	5
3.1. Idade.....	5
4. Variáveis cognitivas	6
4.1. Memória.....	6
4.2. Inteligência.....	8
4.3. Linguagem	9
4.4. Desenvolvimento Operatório	10
5. Variáveis psicossociais.....	12
5.1. Vinculação	12
5.2. Autoconceito	13
II - Objetivos	15
III - Metodologia	16
1. Amostra	16
2. Instrumentos	17
2.1. BTSS - Bonn Test of Statement Suggestibility.....	17
2.2. PCV-M – Perceção do Comportamento de Vinculação (versão para pais)	19
2.3. PHCSCS-2 – Piers-Harris Children’s Self-Concept Scale.....	19
2.4. MPCR – Matrizes Progressivas Coloridas de Raven	20
2.5. Subtestes verbais da WISC-III – Escala de Inteligência de Weschler para Crianças, 3ª Edição.....	21
2.6. Prova da Conservação da Substância.....	21
3. Procedimento.....	22

IV - Resultados	22
1. Estudo I: características psicométricas dos testes	22
1.1 Análise da consistência interna	22
1.2. Análise fatorial do BTSS	23
2. Estudo II: Diferenças de género	24
3. Estudo III: Diferenças associadas à idade	25
4. Estudo VI: Diferenças associadas ao Pensamento Operatório.....	26
5. Estudo V: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 6 anos	27
6. Estudo VI: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 7 anos	28
7. Estudo VII: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 8 anos....	29
8. Estudo VIII: Valor preditivo das variáveis em cada idade.....	29
V - Discussão	30
1. Estudo I: características psicométricas dos testes	30
2. Estudo II e III: Diferenças de género e de idade	31
3. Estudo VI: Diferenças associadas ao Pensamento Operatório.....	33
4. Estudos V: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 6 anos.....	34
5. Estudo VI: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 7 anos	34
6. Estudo VII: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 8 anos....	36
7. Estudo VIII: Valor preditivo das variáveis em cada idade.....	36
8. Limitações e Orientações Futuras	37
VI - Conclusões	39
Bibliografia	41
Anexos	47

Introdução

A “capacidade para ser sugestionável” foi, em tempos, considerada a característica fundamental da condição humana, estando ligada à capacidade para aprender, à coesão social e ao afeto (Sidis & James, 1919 in Motzkau, 2009).

O interesse pelo estudo da sugestionabilidade data dos inícios do século XX, com os estudos pioneiros de Binet, Varendonck e do casal Stern (Melnyk, Crossman & Scullin, 2007).

Binet foi um marco importante no estudo da sugestionabilidade. No que respeita à sugestionabilidade interrogativa em crianças, o autor já defendia que esta variável era influenciada por características individuais, por fatores de ordem social e também pelo tipo de questionamento que era feito (Binet, 1900 in Melnyk et al., 2007). Os resultados dos seus estudos têm sido replicados repetidamente até aos dias de hoje.

Contudo, foi nos anos 80 que esse interesse, assim como o número de estudos que abordam este constructo, cresceu exponencialmente. Este facto deveu-se a uma mudança de paradigma no sistema judicial: se até aqui, as crianças eram vistas como incompetentes para testemunhar e para fornecer informação fiável de eventos passados, a posição adotada agora, que tem por objetivo facilitar a condenação dos abusadores, é a oposta (Bruck & Ceci, 1999; Lyon, 1999).

Com a importância que os testemunhos infantis ganharam nas condenações, os investigadores interessaram-se em investigar as capacidades de as crianças relatarem informação válida e fiável (Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2008), dando especial atenção aos fatores que explicam as diferenças individuais ligadas à sugestionabilidade, nomeadamente as variáveis cognitivas, sociais, desenvolvimentais, e as características das entrevistas (Crossman, Scullin & Melnyk, 2004; Cunha, Albuquerque & Freire, 2007; Melnyk, Crossman & Scullin, 2007; Quas & Schaaf, 2002).

I – Enquadramento conceptual

1. Sugestionabilidade Interrogativa em Crianças

A definição de sugestionabilidade tem vindo a sofrer uma evolução ao longo do tempo. As primeiras definições foram consideradas redutoras e vagas. Ao reconhecer as limitações destas definições tradicionais, outros autores sugeriram novas definições, mais abrangentes.

Gudjonson (1986 in Chae & Ceci, 2006) adota uma perspectiva cognitiva ao definir sugestionabilidade como “o grau segundo o qual os sujeitos aceitam e, subsequentemente, incorporam informação após o acontecimento, como se se tratasse de recordações ou memórias” (p. 471). Powers, Andriks e Loftus (1979, in Cunha, Albuquerque & Freire, 2007) propõem uma definição semelhante, onde também defendem que a sugestionabilidade é algo que acontece apenas no momento pós-evento.

Por seu lado, Ceci e Bruck (1993, in Chae & Ceci, 2006) sugerem uma definição mais abrangente, onde se incluem, para além dos cognitivos, fatores sociais. Admitem, assim, a possibilidade de a criança poder ceder a pressões sociais e mentir para agradar a figuras significativas. Com esta definição é levantada a hipótese de que as informações transmitidas ao sujeito antes, durante e após um determinado acontecimento podem influenciar a recordação inicial, isto é, podem provocar distorções de memória (Chae & Ceci, 2006).

Gudjonsson e Clarck (1986 in Gudjonson, 1989), no âmbito do seu modelo teórico acerca da sugestionabilidade interrogativa, definem este tipo específico de sugestionabilidade como “o grau em que, numa interação social fechada, as pessoas tendem a aceitar as mensagens comunicadas durante um questionamento formal, as quais afetam a sua resposta comportamental subsequente” (p. 135). Tendo por base esta mesma definição, o autor identifica cinco componentes fundamentais deste constructo: (i) geralmente tem lugar numa interação social fechada; (ii) envolve um processo de questionamento; (iii) existência de um estímulo sugestivo; (iv) aceitação desse estímulo sugestivo; (v) resposta comportamental que indica a aceitação do estímulo sugestivo.

O modelo teórico supracitado segue uma abordagem psicossocial e defende que a sugestionabilidade interrogativa nasce da relação estabelecida

entre o sujeito, o ambiente e figuras significativas dentro desse ambiente (Gudjonson, 1989). Torna-se, assim, fácil de entender que este processo se inicie com questionamento numa interação social fechada.

Existem três pré-requisitos essenciais no processo de sugestionabilidade interrogativa: incerteza, confiança interpessoal e expectativa de sucesso (Gudjonson, 1989). Uma pessoa irá aderir mais facilmente à sugestão se não souber com toda a certeza a resposta à pergunta que lhe é colocada e se pensar que as intenções do entrevistador são genuínas. Pode dizer-se que a confiança interpessoal funciona como facilitador para o sujeito entender as sugestões como possíveis e credíveis (Gudjonson, 1989). Contudo, apenas estas duas características não são suficiente para alguém aceitar a sugestão. O entrevistado deve sentir que é esperado que ele saiba a resposta à pergunta que lhe colocam e que deve fornecer essa resposta (caso contrário, poderia apenas dizer “não sei / não me lembro”). A aquiescência à sugestão irá depender das estratégias de *coping* adotadas pelo entrevistado (Gudjonson, 1989). Para Loftus (1997), esta pressão social para lembrar um acontecimento em conjunto com a incerteza, contribuem para a criação de falsas memórias. Estas memórias são criadas combinando a memória real do evento com o conteúdo da sugestão recebida. Durante este processo, a fonte de informação pode ser esquecida. Ainda assim, a criança pode não ter a memória do acontecimento alterada e aceitar a sugestão, isto porque vê o adulto como alguém credível, perdendo a confiança na sua própria memória (Candel et al., 2000; Chae & Ceci, 2005).

Há ainda outro aspeto que influencia a sugestionabilidade: o *feedback*. Este constructo é definido por Gudjonson (1989) como “sinal que pretende consolidar ou modificar a resposta subsequente (...)”. Existem dois tipos de *feedback* – o positivo e o negativo. O primeiro visa reforçar a resposta dada anteriormente, enquanto o segundo tem o objetivo de modificar uma resposta indesejada (Gudjonson, 1989). O autor realça ainda o efeito que o *feedback* negativo tem no aumento da suscetibilidade às sugestões.

2. Tipo de questionamento

Alguns autores têm refletido acerca da influência que as diferentes técnicas de entrevista utilizadas com crianças podem exercer na qualidade

das suas respostas, nomeadamente, a fidelidade e quantidade de informação obtida (e.g. Bruck & Ceci, 1999; Bruck, Ceci, Kulkofsky, Klemfuss, & Sweeney, 2008; Melnyk et al., 2007). O tipo de questionamento é um fator que se tem revelado significativo na aquiescência à sugestão, sobretudo nas crianças mais novas.

Quando falamos em crianças, as respostas a perguntas abertas têm sido documentadas como mais precisas do que as respostas a perguntas específicas (Bruck & Ceci, 1999; Chae & Ceci, 2005; Laimon & Poole, 2008; Lamb et. al, 2008; Quas & Schaaf, 2002), e as crianças mais velhas recordam mais detalhes verdadeiros de um acontecimento do que as mais novas (Chae & Ceci, 2005). As questões específicas podem ter a vantagem de suscitarem o aumento de informação, porém correm o risco de diminuir a precisão da resposta (Melnyk et al., 2007) além do risco de a criança incorporar informação errada no seu discurso (Lamb et. al, 2008). As questões disjuntivas ou alternativas são também de evitar, na medida em que lhes tem sido atribuída a propensão para aumentar a sugestibilidade. Ao limitar o número de alternativas, pode passar a mensagem ao entrevistado de que qualquer outra resposta será rejeitada (Endres, 1997). A criança poderá sentir-se pressionada a escolher uma das alternativas dadas e, por isso, raramente responde “não sei” a este tipo de questões (Chae & Ceci, 2005; Poole & Lamb, 1998; Walker et al., 1996, in Bruck & Ceci, 1999). Facilmente se percebe que a utilização de questões alternativas compromete a fiabilidade do seu discurso.

Um dos aspetos apontados como influentes na aceitação das sugestões é a frequência e conteúdo dessas mesmas sugestões (Quas & Schaaf, 2002). As questões repetidas são uma forma específica de *feedback* negativo. Se a pergunta for repetida logo após a emissão de uma resposta, isto pode ser interpretado pela criança como o descontentamento do questionador com essa resposta e, implicitamente, o desejo de que seja mudada (Endres, 1997), o que a tende a induzir a alteração da resposta anterior. As investigações sobre o tema têm vindo a sugerir que estes procedimentos são assim de evitar já que propiciam mais incorreções (Poole & Lamb, 1998; Poole & White, 1991, in Bruck & Ceci, 1999).

3. Diferenças individuais e sugestionabilidade interrogativa em crianças

3.1. Idade

A variável *idade* é, talvez, a mais controversa na literatura. A sua relação com a sugestionabilidade não é muito clara: se há autores que defendem que as crianças mais novas são mais sugestionáveis, existe outro grupo de investigadores que defende exatamente o contrário.

Candel, Merckelbach, e Muris (2000), num estudo com 48 crianças entre os 5,7 e os 9,5 anos, no qual avaliaram a sugestionabilidade através da tradução holandesa do BTSS, reportam diferenças robustas no que à idade diz respeito, tendo as crianças mais novas, níveis mais elevados de sugestionabilidade.

Segundo uma revisão da literatura feita por Bruck e Melnyk (2004), a amostra da maioria dos estudos analisados era composta por crianças em idade pré-escolar e escolar. As crianças mais novas têm sido consideradas mais sugestionáveis do que os seus pares mais velhos (Bruck & Ceci, 1999; Chae & Ceci, 2005; Poole & Lamb, 1998).

As investigações que suportam a visão contrária (i.e. crianças mais velhas são mais sugestionáveis) existem em menor número (Cunha et al., 2007), contudo não devem ser ignoradas. Dado o reduzido número de estudos que apresentam resultados neste sentido, Ceci e Bruck (1993, in Cunha, Albuquerque & Freire, 2007) avançam uma explicação que defende que as diferenças procedimentais (momento da introdução das questões, duração do intervalo de retenção, natureza da informação a ser recordada, etc.) podem modelar os resultados.

Tendo em consideração os dados e interpretações expostas, conclui-se que a idade não é, por si só, um bom preditor do nível de sugestionabilidade da criança, embora as mais novas estejam mais vezes ligadas a uma maior suscetibilidade na aceitação de questões enganadoras. Verifica-se ainda que mesmo entre crianças da mesma idade, a variabilidade é muito grande. A idade não determina a capacidade da criança para relatar as suas experiências (Goodman & Schwartz-Kenny, 1992, in Lamb et al, 2008), mas pode mascarar a influência de outras variáveis que podem diferir

entre os contextos de entrevista e laboratório (Crossman et al., 2004; Cunha et al., 2007; Lamb et. al, 2008).

Quanto ao género, os estudos não apontam para a existência de diferenças consistentes na sugestionabilidade das crianças (Bruck & Melnyk, 2004).

4. Variáveis cognitivas

4.1. Memória

É importante conhecer o desenvolvimento da memória nas crianças, uma vez que existem diferenças nas capacidades de as crianças recordarem um evento. Observa-se um progresso constante, ao longo do desenvolvimento das crianças, quando se fala em processar e reter informação (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Existem três fases interativas essenciais quando se fala de memória: primeiro dá-se a *codificação* da informação extraída do ambiente; de seguida, passa-se ao *armazenamento* da informação codificada; por último, existe a fase da *recuperação* da informação armazenada (Courage & Cowan, 2009; Papalia et al., 2001). A sugestão pode ser introduzida em qualquer uma destas fases. Uma das explicações possíveis para as diferenças individuais na sugestionabilidade das crianças é a existência de diferenças desenvolvimentais na memória, nomeadamente nas três fases referidas anteriormente (codificação, retenção e recuperação) (Bruck & Ceci, 1999). O processamento mais rápido da informação observado na idade escolar, leva a um aumento da capacidade para reter e lidar com a informação. Com a idade, aumenta a quantidade de informação que a criança consegue manter na memória, o que leva a uma evocação mais eficaz e permite um pensamento mais complexo (Papalia et al., 2001).

É aceite a existência de dois níveis de memória: memória de curto-prazo e memória de longo-prazo. Este último nível inclui a memória procedimental (conhecimento tácito), semântica (conhecimento de factos gerais) e episódica (memória de experiências pessoais). Quando se trata de estudar a sugestionabilidade da criança, o tipo de memória mais relevante é a memória episódica ou autobiográfica, definida como “a memória de eventos

da vida do próprio” (Conway & Rubin, 1993, in Howe, Courage & Rooksby, 2009), que permite a recordação de eventos de vida passados e significativos, e que tem associada informação sobre tempo ou local, por exemplo (Howe et. al, 2009).

Tem sido documentado que as crianças mais velhas são capazes de relatar mais informação acerca de um acontecimento passado do que as mais novas (Chae & Ceci, 2005), e que retêm essa informação durante mais tempo (Fivush, 2002). As estruturas neuronais implicadas na memória continuam a sua maturação ao longo da infância o que, juntamente com o desenvolvimento de estruturas cognitivas e da linguagem, fundamentam as melhorias significantes observadas na performance da memória (Howe et. al, 2009; Papalia et al., 2001). A linguagem, associada às narrativas, possibilita uma nova forma de organizar as memórias, o que permite que a criança perceba como é que certos eventos se relacionam e começa a ter uma perspectiva crítica em relação ao acontecimento. As crianças começam a organizar as suas memórias de uma forma coerente, sendo capazes de as reter por períodos mais longos (Fivush, 2002).

A possível ligação entre sugestibilidade e memória é sustentada pela teoria da sugestibilidade baseada na robustez do traço mnésico, que preconiza que “as recordações mais fracas seriam mais suscetíveis à informação enganadora pós-acontecimento, fornecida pelo entrevistador, do que as recordações mais resistentes, uma vez que recordações integradas mais vagamente permitiriam com maior facilidade a intrusão, no próprio traço, de dados provenientes de fontes externas” (Chae & Ceci, 2006, p. 480). Schooler e Loftus (1986, in Candel et al., 2000) defendem que indivíduos com capacidades mnésicas mais pobres serão menos capazes de detetar discrepâncias entre o evento original e a informação errónea captada posteriormente, o que os irá tornar mais vulneráveis a essa informação. Outra explicação é dada por Gudjonsson (1992, in Candel et al., 2000), que afirma que as pessoas cuja memória se deteriora rapidamente confiam mais nas pistas dadas por outros do que no seu próprio juízo.

Outra ressalva a fazer prende-se com o facto de as crianças não serem tão competentes como os adultos a perceber quais as memórias que derivam da sua experiência e quais as memórias que derivam do que o outro disse - ou seja, a capacidade de *monitorização da fonte* necessita desenvolver-se – o

que pode explicar a maior vulnerabilidade das crianças na incorporação de informação errônea na memória (Ackil & Zaragoza, 1995, in Candel et al., 2000).

Existem essencialmente duas formas de medir a memória quando se trata de estudos de sugestionabilidade: através de testes tradicionais ou através da memória de um evento específico. Tomando novamente a revisão feita por Bruck e Melnyk (2004), os autores não encontraram relação entre as medidas tradicionais de memória e a sugestionabilidade. Por outro lado, os resultados são consistentes quando se trata da existência de uma correlação negativa entre a memória de um evento e a sugestionabilidade a esse evento (Chae & Ceci, 2005; Cunha, Albuquerque & Freire 2007). Cunha et al. (2007) verificaram que esta correlação entre memória e sugestionabilidade existia apenas quando os desempenhos dos participantes eram muito díspares. No seu estudo (Cunha, Albuquerque & Freire, 2007, in Cunha et al., 2007), foi verificada uma maior sugestionabilidade nos participantes com os resultados mais baixos na tarefa de memória, quando comparados com o grupo médio; esta relação já não se verificou quando comparados o grupo médio com os indivíduos com uma memória superior à média.

Candel et al. (2000) verificaram a existência de uma correlação negativa entre a evocação livre (usada como medida de memória) no BTSS e a sugestionabilidade. London, Bruck e Melnyk, (2009) encontraram uma correlação positiva entre idade e a quantidade de informação evocada livremente, no seu estudo envolvendo crianças entre os 4 e os 6 anos, o que sugere que crianças mais velhas recordam mais informação do que os seus pares mais novos. Uma explicação avançada por Quas e Schaaf (2002) constata que as crianças mais novas têm mais dificuldade do que os pares mais velhos em conduzir pesquisas na memória e em saber o que é importante contar.

4.2. Inteligência

A variável *inteligência* é referida constantemente nos estudos sobre sugestionabilidade (Bruck & Melnyk, 2004; Candel et al., 2000; Chae & Ceci, 2005, 2006; Clarke-Stewart, Malloy & Allhusen, 2004). O pressuposto

subjacente é o de que crianças mais inteligentes são menos sugestionáveis (Chae & Ceci, 2006).

Alguns estudos fazem usos de testes verbais para avaliar a inteligência enquanto outros usam medidas de inteligência não-verbal, pelo que importa distinguir e analisar separadamente os diferentes tipos de inteligência (Chae & Ceci, 2006).

Bruck e Melnyk (2004), assim como Cunha et al. (2007) argumentam que existe uma correlação negativa entre inteligência e sugestionabilidade apenas em crianças mais novas (com menos de oito anos). Chae e Ceci (2005) chegaram à mesma conclusão no que respeita especificamente à inteligência verbal. Esta associa-se com a sugestionabilidade apenas nas crianças mais novas (de cinco e seis anos) e não nas mais velhas (de sete e oito anos). Os autores concluíram também que as crianças com inteligência verbal superior evocaram mais informação espontaneamente.

Chae e Ceci (2005) sugerem que o efeito da inteligência na sugestionabilidade só aparece quando a amostra utilizada possui um vasto leque de capacidades intelectuais. No estudo que conduziram com crianças entre os cinco e os oito anos de idade, a correlação entre inteligência verbal (medida pelos subtestes Vocabulário e Semelhanças da KEDI-WISC – versão Coreana da WISC) e a sugestionabilidade apenas se mostrou significativa no grupo com a inteligência abaixo da média. Estudos com crianças com atraso mental mostram resultados consistentes com o afirmado anteriormente (Bruck & Melnyk, 2004).

Quanto a medidas de inteligência não-verbal, Candel et al. (2000) encontraram uma correlação significativa entre a medida de Sugestionabilidade Total do BTSS e esta variável (medida através das Matrizes Progressivas de Raven).

Os dados de alguns estudos permitem afirmar que a inteligência verbal é um melhor preditor da sugestionabilidade de crianças do que a inteligência não-verbal (Chae & Ceci, 2006; Clarke-Stewart et al., 2004).

4.3. Linguagem

A linguagem, como outros domínios do conhecimento, desenvolve-se com a idade e com a experiência. Apesar das crianças no período escolar

terem um discurso fluente e compreensível, usarem frases compostas e complexas, ainda não compreendem nem usam todas as regras da comunicação (Papalia et al., 2001). O conhecimento sobre o modo como a comunicação se processa – a metacomunicação – aumenta durante o período escolar, mas ainda assim, é preciso ter precauções ao fazer uma entrevista a uma criança. Se as competências de metacomunicação não estão completamente desenvolvidas, elas poderão não compreender o que lhes é perguntado sem terem consciência disso, o que obriga a um cuidado acrescido por parte do entrevistador em formular perguntas simples, adequadas ao nível de desenvolvimento do entrevistado (Melnyk et al., 2007).

No questionamento, deve ainda evitar-se o uso de palavras que as crianças desconhecem e ter em mente que as crianças e os adultos podem usar as mesmas palavras com significados diferentes (Poole & Lamb, 1998). Na grande maioria dos estudos revistos por Bruck e Melnyk (2004), o vocabulário não estava associada à sugestibilidade. Parece que a sugestibilidade está mais fortemente relacionada com dificuldades de expressão ou de compreensão (Cunha et al., 2007).

4.4. Desenvolvimento Operatório

Segundo Piaget e Inhelder (1979), a criança percorre um longo caminho até adquirir o pensamento operatório. Dos 2 aos 6/7 anos, domina a representação simbólica e o egocentrismo intelectual – para a criança, o mundo distribui-se em elementos particulares, individuais, em relação com a experiência pessoal. Ou seja, a inteligência ainda não é reversível; dos 4 aos 7 anos assistimos a uma progressiva coordenação das representações (do mundo) que conduzirá a criança às *operações* (Piaget, 1967). Quando a criança relata um acontecimento, tem de reconstruir o mundo no plano representativo, e fá-lo a partir de si mesma (Piaget & Inhelder, 1979). Deste modo vemos o egocentrismo como característica desta fase. As crianças deparam-se com dificuldades em colocarem-se no ponto de vista do outro, de fazê-lo compreender a informação desejada e de modificar-lhe a compreensão inicial. Já quando chega ao nível operatório, a criança passa a ter em conta a perspectiva do outro. O pensamento pré-operatório (dominado pelo simbolismo) não é um pensamento socializado. A socialização do

pensamento só é possível quando as estruturas de reversibilidade estão adquiridas, por isso a reciprocidade nas trocas estará consolidada, em média após os 6 anos, i.e., pelos 7/8 anos.

Poderemos considerar que o período entre os 5 e os 7 anos será considerado um período charneira, pelo que é expectável encontrar maior variabilidade *interindividual* nos desempenhos que se tornam operatórios; o que poderá contribuir para justificar igualmente a variabilidade encontrada na suscetibilidade à sugestão, nestas idades. Por outro lado, se considerarmos o efeito “resistência do material”, de que falam os piagetianos, ou seja, o facto de se verificarem *desfasamentos horizontais* na aplicação de um tipo de raciocínio a conteúdos diferentes (e.g. recorde-se os “timings” do raciocínio de conservação consoante se trata da “matéria”, “peso” ou “volume”) (Montangero & Maurice-Naville, 1994), poder-se-á admitir a influência do “acontecimento” a descrever na (im)possibilidade de “resistir” à sugestão (contribuindo quer para diferenças intraindividuais como interindividuais). Com efeito, “quando em situações familiares, e quando a criança domina o conhecimento sobre o qual é inquirida, o seu raciocínio é muito mais sofisticado” (Brown, Metz, & Campione, 1996, p. 156).

É, então, ao superar o egocentrismo (no raciocínio e linguagem), quando consegue dissociar pontos de vista, que pode refletir sobre o seu próprio ponto de vista em vez de o “confundir” com todas as outras possibilidades, e a resistir às sugestões exteriores (Piaget, 1976).

Por volta dos 7 anos adquire a reversibilidade lógica, característica do pensamento operatório, que lhe irá permitir uma ainda maior descentração (Piaget & Inhelder, 1979). Esta descentração – necessária para a constituição das operações – não se baseia unicamente no universo físico, mas também num universo interindividual ou social. Sendo assim, os autores defendem que “as construções e a descentração cognitivas necessárias à elaboração das operações são inseparáveis de construções e da descentração afetivas e sociais” (Piaget & Inhelder, 1979, p.106)

Sendo a reversibilidade de pensamento o mecanismo essencial para a construção da conservação (Dolle, 2005), a prova da conservação da substância será um bom avaliador da fase de aquisição em que se encontra a criança, uma vez que esta experiência procura pôr em evidência a

conservação da quantidade de substância quaisquer que sejam as modificações de forma dadas à matéria (Piaget & Inhelder, 1941). Um indicador de que a conservação está assegurada é a argumentação que resiste às contra – sugestões.

Muir-Broaddus, King, Downey e Petersen (1998), estudaram a influência da transição do pré-operatório para o operatório concreto (i.e. capacidade de conservação da matéria), na resistência à sugestão em perguntas enganosas numa amostra de crianças com 6 e 7 anos. Como os autores tinham previsto, as crianças que pontuaram menos nas tarefas de conservação foram mais suscetíveis às perguntas enganosas, ou seja, foram mais sugestionáveis. As diferenças individuais existentes nas duas variáveis podem envolver a capacidade para relacionar corretamente um acontecimento passado com um episódio presente, o que suporta a existência de uma relação entre a conservação e a sugestionabilidade (Muir-Broaddus et. al, 1998).

5. Variáveis psicossociais

Segundo Bruck e Melnyk (2004), os fatores psicossociais (como o autoconceito), mais do que os fatores cognitivos, irão estar associados à sugestionabilidade interrogativa.

5.1. Vinculação

A vinculação pode-se definir brevemente como o laço ou a ligação existente entre a criança e a figura cuidadora. Esta ligação é construída desde o nascimento do bebé e prolonga-se ao longo da vida (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Em função da prestação de cuidados por parte dos pais, da sensibilidade materna, e das respostas da mãe aos sinais e comunicação do bebé as crianças podem desenvolver diferentes padrões de vinculação: seguro; inseguro – evitante; inseguro – ambivalente; desorganizado (Main, Hesse & Kaplan, 2005).

Crianças com uma vinculação segura têm mães sensíveis e responsivas, enquanto as mães de crianças com vinculação insegura foram consideradas menos sensíveis (Main, Hesse & Kaplan, 2005). Quando a criança vê na figura de vinculação, um suporte para a exploração ativa do

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

meio e, simultaneamente, as suas necessidades emocionais, de segurança e proteção estão satisfeitas, é mais provável que venha a desenvolver um *self* positivo (Maia, Ferreira, Veríssimo, Santos & Shin, 2008). Uma vinculação segura gera, em comparação com uma vinculação insegura, sentimentos mais favoráveis ao nível da competência pessoal (e.g. autoestima, autoconfiança, competência cognitiva), e da competência com os pares e adultos (e.g. resolução de conflitos, empatia, autonomia, relação com os pares, comportamento com adultos desconhecidos) (e.g. Grossman & Grossman, 1991, in Soares, 2000; Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005; Thompson, 1999).

A relação entre a vinculação da criança aos pais e o seu nível de sugestionabilidade não tem sido muito explorada na literatura – na revisão feita por Bruck e Melnyk (2004) apenas dois estudos foram encontrados. A maioria das investigações correlaciona a sugestionabilidade das crianças aos estilos de vinculação dos pais (Chae & Ceci, 2006), baseando-se nos pressupostos teóricos da teoria de Bowlby que defendem a transmissão intergeracional dos padrões de vinculação.

Num estudo levado a cabo por Clarke-Stewart e colaboradores (2004), foram analisados os padrões de vinculação de 70 crianças e correlacionados com a sugestionabilidade aos 5 anos. Aos 18 meses foram sujeitos à situação estranha e classificados segundo a tipologia de Ainsworth. Os resultados mostram que as crianças que tinham uma relação insegura e distante com a mãe e cujo pai era menos positivo e menos compreensivo (medido através do *Parental Investment in Child Scale* aos 3 anos; e de uma visita na hora de jantar e deitar aos 18 meses) eram significativamente mais sugestionáveis do que os seus pares que tinham uma relação com a mãe próxima e segura.

5.2. Autoconceito

As auto-percepções podem ter uma importância maior em crianças de idade escolar, uma vez que o sentido de *self* está mais desenvolvido do que nas crianças de idade pré-escolar (Chae & Ceci, 2006). Nesta fase, a criança consegue perceber as críticas e comentários que os outros fazem a seu respeito, desenvolvendo uma consciência de si própria mais realista e complexa (Papalia et al., 2001). A criança ganha, agora, a capacidade de avaliar o seu valor pessoal, uma vez que consegue concentrar-se em várias

dimensões de si mesma e consegue comparar o *self real* com o *self ideal* (Papalia et al, 2001). Sabe-se também que as emoções de orgulho e vergonha são interiorizadas no início do período escolar, o que também contribuirá para a opinião que a criança tem de si. (Papalia et al, 2001).

A percepção que a criança tem de si própria, das suas competências e aceitação social, pode estar ligada à confiança que esta tem acerca das suas recordações, o que as leva a ceder mais facilmente às sugestões e a ter uma narrativa mais pobre dos acontecimentos (Chae & Ceci, 2005, 2006). As crianças com um autoconceito mais pobre podem ceder mais facilmente à pressão social para concordar com o entrevistador e, conseqüentemente, ter níveis de sugestibilidade mais elevados (Chae & Ceci, 2006). Além disso, os mais novos aprendem, no seu dia-a-dia que a oposição aos adultos provoca reações negativas, pelo que preferem concordar com o entrevistador em vez de relatar o que realmente aconteceu.

Chae e Ceci (2005) salientam o facto de que, na maioria das vezes, o autoconceito da criança é medido através de avaliações dos professores e não da própria criança. Estes autores chegaram a resultados contraditórios com os de anteriores estudos. A correlação observada entre a competência geral e a aceitação social de crianças entre os cinco e os oito anos e a sugestibilidade foi positiva. A explicação dos autores para o ocorrido baseou-se no facto de a auto-percepção das crianças ter sido avaliada através de questionários respondidos por estas.

Em 66% dos estudos analisados por Bruck e Melnyk (2004), foi encontrada uma relação significativa entre o autoconceito (medido através de relatos dos pais, professores ou da criança) e a sugestibilidade interrogativa, onde quanto mais elevado é o autoconceito da criança, menor é o seu grau de sugestibilidade.

A possibilidade de estas variáveis serem interdependentes não é descartada. A relação existente entre vinculação e autoconceito é suportada por estudos empíricos como o de Maia e colaboradores (2008).

Bruck e Melnyk (2004) afirmam, “crianças educadas por pais seguros e compreensivos pode desenvolver autoconceitos positivos, que por sua vez as tornam resistentes a sugestões que são inconsistentes com as suas experiências” (p. 988). Como Endes (1997) refere, a compreensão do efeito

das variáveis individuais na sugestionabilidade tem de incluir as interações complexas entre os fatores internos e externos.

II - Objetivos

Este estudo tem como objetivos: (i) avaliar em que medida as variáveis “vinculação”, “autoconceito”, “inteligência”, “memória”, “nível operatório” e “idade” se relacionam com a sugestionabilidade interrogativa em crianças dos 6 aos 8 anos de idade; (ii) perceber a influência de variáveis psicossociais nas respostas de crianças a questões sugestivas; (iii) obter dados que ajudem os profissionais a preparar entrevistas / interrogatórios que contemplem características que maximizem a recuperação de informação que a criança guardou na memória, minimizando os riscos das entrevistas sugestivas; (iv) contribuir para o desenvolvimento de novos estudos, em Portugal, no âmbito da sugestionabilidade em crianças.

As hipóteses orientadoras do estudo encontram-se enumeradas de seguida:

1. não existem diferenças estatisticamente significativas no que respeita a sugestionabilidade total em função do género;
2. as crianças mais novas são significativamente mais sugestionáveis do que as crianças mais velhas;
3. crianças percebidas pela mãe como tendo uma vinculação mais segura pontuam menos na medida de sugestionabilidade do que do que crianças percebidas como menos seguras.;
4. crianças com um autoconceito mais positivo pontuam menos na medida de sugestionabilidade do que crianças com um autoconceito mais negativo;
5. crianças com resultados inferiores nas tarefas de inteligência pontuam mais na medida de sugestionabilidade do que as que obtêm pontuações mais altas;
6. crianças que se encontrem no nível pré-operatório são significativamente mais sugestionáveis do que as crianças que já alcançaram o nível operatório;
7. crianças que pontuem menos na tarefa de memória terão resultados mais elevados na sugestionabilidade;

8. crianças com resultados mais elevados nas tarefas de inteligência verbal evocam mais informação livremente.

III - Metodologia

1. Amostra

A amostra é composta por 122 sujeitos com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos ($M=7.05$; $DP=0.812$). Existem 37 sujeitos com 6 anos, 42 com 7 anos e 43 com 8 anos de idade (Tabela 1). Do total da amostra, 59 (48,4%) sujeitos são do sexo masculino. À data da recolha dos dados, as crianças frequentavam o 1º ano (35,2%), 2º ano (37,7%) e o 3º ano (27%) do 1º ciclo do ensino básico (Tabela 2) de quatro escolas portuguesas (Agrupamento de Escolas de Vieira de Leiria; 1º Jardim-Escola João de Deus; Colégio Nossa Senhora da Assunção e Escola Primária de Vila Verde). A maioria reside numa área predominantemente urbana (69,7%).

Tabela 1. Características da amostra referentes à idade e sexo (N=122)

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
	59	48,4	63	51,6	122	100
Idade						
6	18	30,5	19	30,2	37	30,3
7	25	42,4	17	27,0	42	34,4
8	16	27,1	27	42,9	43	35,2

Tabela 2. Características da amostra referentes à idade e ano de escolaridade (N=122)

	1º ano		2º ano		3º ano		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
	43	35,2	46	37,7	33	27,0	122	100
Idade								
6	36	97,3	1	2,7				
7	7	16,7	35	83,3				
8			10	23,3	33	76,7		

2. Instrumentos

2.1. BTSS - Bonn Test of Statement Suggestibility (Endres, 1995, tradução portuguesa de Costa, 2008)

A versão original do BTSS foi construída em 1995 por Endres e Scholz (Endres, 1997). Este é um teste de administração verbal e individual que visa medir a sugestibilidade em crianças dos 4 aos 10 anos (Endres, 1997). Neste estudo, foi utilizada apenas uma das duas versões existentes, composta por duas formas: uma masculina e uma feminina.

A aplicação deste instrumento divide-se em quatro fases: (1) leitura de uma breve história e apresentação simultânea de quatro imagens; (2) evocação imediata da história¹; (3) intervalo de 15 minutos, que pretende enfraquecer o traço mnésico criando espaço para a influência das sugestões; (4) trinta e uma questões relativas à história. O conteúdo da história é o seguinte: uma criança recebe um pato de corda pelo seu aniversário e empresta o brinquedo a um(a) amigo(a) no fim-de-semana em que se ausenta com os pais; o(a) amigo(a) parte a corda do pato quando a puxa com mais força, mesmo sabendo que não o deveria fazer; pede ajuda ao seu pai que acaba por reparar o pato. O género do personagem corresponde ao género do sujeito entrevistado. As questões finais dividem-se por quatro categorias: questões distratoras, questões sim/não, questões alternativas e questões repetidas (Endres, 1997).

As primeiras não entram na análise uma vez que pretendem mascarar o verdadeiro propósito do teste, levando a crer que se trata de uma tarefa de memória. São questões em que a resposta correta é sugerida (“A menina da história chamava-se Beatriz?”). No segundo tipo de questões, é referido um facto errado sugerindo que a resposta correta é afirmativa, quando, na verdade, é o oposto. As questões alternativas apresentam duas alternativas de resposta, ambas erradas (“O bico do pato era amarelo ou branco?”). O último tipo de perguntas consiste em repetir questões feitas anteriormente. A diferença reside no modo como se iniciam estas questões: partículas como “ouve com atenção” ou “tens a certeza?” indicam que a resposta dada anteriormente estava errada e que se espera uma mudança

¹ A quantidade de informação que a criança evoca pode ser usada como variável de controlo para a memória.

nessa resposta.

É de acordo com as respostas dadas às questões que se conclui se a criança é mais ou menos sugestionável. As respostas consideradas sugestionáveis são cotadas com um ponto; respostas como “não sei”, “não me lembro”, “não estava na história”, “não tenho a certeza”, são consideradas não sugestionáveis e, portanto, são cotadas com zero pontos. Nas questões repetidas, uma resposta é considerada sugestionável se não for coincidente com a resposta dada anteriormente, com exceção da mudança de “Não” para “Não sei” e de “Não Sei” para “Não”.

O autor do teste apresenta três subescalas de acordo com o tipo de questões. Estas escalas têm pontuações variáveis: a pontuação máxima na escala sim/não é de nove pontos; na escala das questões alternativas é de oito pontos; e nas repetidas é também de oito pontos. Contudo, e à semelhança de outras escalas que medem a sugestionabilidade (por exemplo, *Gudjonsson Suggestibility Scale*), há autores que sugerem o agrupamento das questões em apenas duas subescalas: *Yield* e *Shift* (Candel et al., 2000; Roma, Sabatello, Verrastro & Ferracuti, 2011). Estas subescalas estão subjacentes a dois tipos de sugestionabilidade propostos por Gudjonsson (1992, in Candel et al., 2000): a tendência para ceder às questões diretivas (*Yield*) e a tendência para mudar as respostas sob condições de pressão social (*Shift*). As questões sim/não e as questões alternativas estão contidas na subescala *Yield* (máximo: 17 pontos), que mede a aquiescência à informação errónea fornecida; as questões repetidas compõem a subescala *Shift* (máximo: 8 pontos) que mede o modo como as crianças reagem ao *feedback* negativo. O resultado da sugestionabilidade total é obtido através da soma das três subescalas ou das subescalas *Yield* e *Shift*, e varia entre zero e vinte e cinco pontos (Endres, 1997; Candel et al., 2000; Roma, Sabatello, Verrastro & Ferracuti, 2011).

No que à avaliação da evocação imediata da história diz respeito, esta varia entre zero e cinquenta pontos – unidades em que a história está dividida. Sendo assim, cada unidade que compõe a história e que criança refere livremente é cotada com um ponto.

2.2. PCV-M – Perceção do Comportamento de Vinculação (versão para pais) (Dias, Soares, Freire & Rios, 2007)

A *Escala de Percepção do Comportamento de Vinculação - versão para pais* avalia o comportamento de vinculação das crianças no início do período escolar (entre os 6 e 8 anos de idade) (Dias, Soares, Freire, & Rios, 2008).

Esta escala é constituída por 33 itens, e comporta quatro dimensões (Dias et al., 2007):

- (i) *Dificuldades de Auto-regulação Emocional* (DARE) - avalia indicadores de insegurança da relação de vinculação em situações em que o sistema de vinculação da criança é ativado;
- (ii) *Comportamento de Base Segura* (CBS) – refere-se a comportamentos indicadores de utilização das figuras de vinculação como base segura para a exploração;
- (iii) *Partilha de Afecto* (PA) – prende-se com os comportamentos de partilha de experiências e afetos com as figuras de vinculação;
- (iv) *Desejabilidade Social* (DS) – é incluída com o objetivo de detetar valores de desejabilidade social que possam comprometer a validade das respostas dos pais e ilustra comportamentos com pouca probabilidade de serem observados nesta idade.

A resposta aos itens consiste no grau de semelhança da afirmação em comparação com a criança em questão, podendo variar entre 1 (“totalmente diferente”) e 5 (“totalmente parecido”). A pontuação global é obtida através da soma dos valores obtidos em cada item (tendo em conta os itens invertidos) e é um indicador da percepção materna da segurança da vinculação.

2.3. PHSCS-2 – Piers-Harris Children’s Self-Concept Scale (Piers & Harris, 1964, adaptação portuguesa de Veiga, 2006)

O *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale* é um instrumento de avaliação do autoconceito recomendado por vários autores e frequentemente utilizado na investigação científica, internacional e nacional (Veiga, 2006). Este instrumento foi desenvolvido nos anos 60 por Piers & Harris. Mais

tarde surge a segunda versão reduzida a 60 itens.

Esta escala destina-se a crianças e adolescentes que frequentem entre o 2º e o 12º ano de escolaridade (entre os 7 e os 18 anos). Contudo, foi pedida autorização ao autor para que a escala pudesse ser utilizada nas crianças da amostra que frequentem o 1º ano. O pedido foi deferido, pelo que se optou por ler os itens em voz alta a todas as crianças de modo a colmatar algumas lacunas que pudessem existir ao nível das competências de leitura. Sempre que existissem dúvidas na compreensão dos itens, estas eram prontamente esclarecidas.

O *PHSCS-2* é constituído por seis fatores: Aspecto Comportamental (AC); Estatuto Intelectual e Escolar (EI); Aparência e Atributos Físicos (AF); Ansiedade (AN); Popularidade (PO); Satisfação e Felicidade (SF). A pontuação é obtida através do somatório das respostas dadas aos 60 itens, sendo que pontua um ponto se a resposta demonstrar uma atitude positiva face a si mesmo, ou zero pontos se a resposta mostrar uma visão negativa.

2.4. MPCR – Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

(Raven, 1956, aferição portuguesa de Simões, 2000)

Este teste é considerado uma medida de inteligência não-verbal, que pode ser utilizada em sujeitos entre os 6 e os 11 anos, individual ou coletivamente. Consiste na apresentação de uma forma geométrica onde falta um elemento, sendo apresentadas seis alternativas de resposta. Se a criança acertar, o item é cotado com 1 ponto; se errar, a cotação é 0. Os resultados brutos podem ser convertidos em percentis em função da idade, para efeitos de diagnóstico. No presente estudo, foram analisados os resultados brutos.

As MPCR são constituídas por 36 itens, divididos em três séries (A, AB e B). Existem duas formas de apresentação: forma caderno e forma tabuleiro. Neste estudo, foi utilizada a forma caderno.

Este teste tem várias vantagens, como a rapidez na administração, material apelativo e é independente de aprendizagens específicas, com uma carga cultural reduzida.

2.5. Subtestes verbais da WISC-III – Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, 3ª Edição (Wechsler, 1991, aferição portuguesa de Simões e cols., 2003)

A WISC-III, originalmente publicada nos Estados Unidos da América em 1991, é um instrumento que avalia a inteligência de sujeitos entre os 6 e os 16 anos.

Os resultados brutos dos subtestes da WISC-III podem ser convertidos em resultados padronizados, que variam entre 1 e 19 pontos. Para cada faixa etária, um resultado padronizado de 10 pontos representa o desempenho médio para crianças dessa idade. O desvio-padrão é igual a 3.

Os resultados obtidos podem-se dividir em termos de QI Verbal, QI de Realização e QI de Escala Completa. Na versão portuguesa foram encontrados ainda três fatores: “Compreensão verbal”, “Organização perceptiva” e “Velocidade de processamento”. Os subtestes utilizados neste estudo (Informação, Vocabulário e Compreensão) saturam no fator “Compreensão Verbal”.

2.6. Prova da Conservação da Substância (Inhelder & Piaget, 1941)

O experimentador mostra à criança duas bolas de plasticina e certifica-se que a criança admite que as bolas A e B têm a mesma quantidade de matéria, “a mesma coisa”. De seguida, o experimentador procede à primeira transformação: bola em salsicha. Pergunta, de seguida, se “há a mesma coisa, há mais ou há menos?” e pede à criança para justificar. A transformação seguinte é fazer uma bolacha, colocando as mesmas questões. A última transformação passa por fazer pequenas bolinhas com a bola de plasticina (Inhelder & Piaget, 1941). O exame consiste em seguir as respostas da criança e colocar contra – sugestões para averiguar em que nível de conservação se encontra o sujeito.

Os sujeitos foram classificados em “conservador” ou “não-conservador”, consoante tenham admitido a conservação da substância e resistido às contra - sugestões, ou não tenham admitido a conservação da quantidade de plasticina em alguma fase do questionamento.

3. Procedimento

Foi explicado aos diretores dos ATL's e das escolas em que consistia o estudo e, após concederem autorização para que o estudo tivesse lugar nos seus estabelecimentos, foi enviado o consentimento informado aos pais das crianças, solicitando a autorização para que os seus filhos integrassem a amostra.

Inicialmente, foram recolhidos alguns dados sociodemográficos. Embora os nomes das crianças não constassem em nenhum lugar no protocolo, a confidencialidade dos dados foi assegurada. Seguidamente foi lida a história do *Bonn Test of Statement Suggestibility*, seguida da sua evocação livre. Administraram-se as *Matrizes Progressivas Coloridas de Raven* e, posteriormente, as questões relativas ao BTSS. Continuou-se com os subtestes da *WISC III*, seguidos da prova da conservação da substância e, por último, o *PHCSCS-2*.

No final do procedimento, foi entregue às crianças o PCV-M com a instrução que o deveriam entregar aos pais e devolver ao professor devidamente preenchido.

IV - Resultados

Neste capítulo, iremos proceder à apresentação dos resultados obtidos através do tratamento dos dados recolhidos, utilizando, para esse fim, um programa de análise estatística, *SPSS* para o Windows, versão 20.0.

1. Estudo I: características psicométricas dos testes

1.1 Análise da consistência interna

Para a escala total do BTSS obteve-se um valor de alfa de *Cronbach* de .747. Este valor é ligeiramente superior ao valor encontrado no estudo de Costa (2008) (alfa de *Cronbach* = .714) embora o estudo original de Endres (1997) tenha encontrado um valor de .85. Contudo, um alfa de *Cronbach* de

.747 é considerado um valor razoável² para efeitos de investigação.

No PHCSCS-2 o alfa de *Cronbach* obtido tem o valor de .844. Quanto ao PCV-M, o valor obtido foi de .892. Considera-se que ambos os testes possuem uma boa consistência interna.

1.2. Análise fatorial do BTSS

Através de uma análise fatorial exploratória seguida de rotação *varimax*, os itens do BTSS foram distribuídos por 10 fatores que explicavam 64% da variância total da amostra. Posteriormente foi feita uma análise fatorial confirmatória, seguida de rotação *varimax*, de onde se extraíram 3 fatores (cf. Anexos, Tabela 10), tal como o autor original propõe (Endres, 1997). Estes três fatores explicam 30% da variância.

O primeiro componente extraído (que corresponde à subescala “Repetidas”) explica 11.463% da variância. Na subescala original, era constituído por 8 itens; na nossa distribuição saturaram também 8 itens, mas um deles (item 11) pertence a outro componente, na distribuição original. O segundo componente (“Alternativas”) explica 9.679% da variância, congregando oito itens, tal como na distribuição original. O terceiro componente (“Sim/Não”) apresentado explica 9.175% da variância e contempla nove itens, o mesmo número de itens da distribuição original.

Ainda assim existem ligeiras diferenças nos itens em cada fator. O item 21, por exemplo, que na nossa distribuição satura no componente “Sim/Não”, na distribuição original satura no fator “Repetidas”. Apesar destas ligeiras diferenças, optou-se por seguir a proposta original de Endres (1997).

Os valores de consistência interna de cada componente são apresentados de seguida.

Tabela 3. Alfa de Cronbach dos 3 componentes do BTSS

	Alfa de Cronbach
Repetidas	.671
Alternativas	.680
Sim / Não	.510

² No sentido de avaliar o índice de consistência interna, adotaram-se os valores de referência indicados por Pestana e Gageiro (2003), os quais consideram que a consistência interna é inadmissível quando $\alpha < .60$; fraca quando $.60 < \alpha < .70$; razoável se $.70 < \alpha < .80$; boa quando $.80 < \alpha < .90$ e muito boa quando o alfa é superior a .90.

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operativo em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

No que concerne a cada um dos componentes do BTSS, verifica-se, a partir da análise da Tabela 3, que apenas o valor de alfa de *Cronbach* para o componente “Sim/Não” se revela inadmissível, enquanto os valores para os outros componentes são considerados fracos. Os valores obtidos são próximos dos valores referidos por Costa (2008). A exclusão de qualquer item não traria aumentos significativos na consistência interna da escala total (cf. Anexos, Tabela 11), pelo que se decidiu manter os itens originais.

Seguidamente apresentam-se as correlações existentes entre os componentes da escala BTSS e a escala total.

Tabela 4. Correlações entre os componentes e a escala total do BTSS

	1	2	3	4
1 - BTSS_total	-			
2 - Sim/Não	,700**	-		
3 - Alternativas	,687**	,298**	-	
4 - Repetidas	,727**	,300**	,183*	-

** . p < .01; * . p < .05

Analisando a Tabela 4, verificamos a existência de correlações positivas e estatisticamente significativas entre a escala total e os vários componentes, que podem ser classificadas como elevadas (“Sim / Não” e “Repetidas”) e moderada³ (“Alternativas”). Existe uma correlação positiva e significativa entre os componentes “Repetidas” e “Alternativas”, embora a associação seja muito baixa. O componente “Sim / Não” apresenta correlações baixas, positivas e com valor estatístico com os componentes “Alternativas” e “Repetidas”.

2. Estudo II: Diferenças de género

Com base na Tabela 5, observamos que as médias dos sujeitos do sexo masculino foram superiores aos do sexo feminino, exceção feita nas

³ Para a categorização da magnitude das correlações, foi adotada a convenção indicada por Pestana e Gageiro (2003), onde sugerem que se considere uma associação muito baixa quando o coeficiente de correlação é inferior a .20; baixa entre .20 e .39; moderada entre .40 e .69; alta entre .70 e .89 e muito alta entre .90 e 1.0

variáveis Memória, Compreensão, Inteligência não-verbal, Autoconceito e Vinculação. Contudo, as diferenças observadas só são estatisticamente significativas na Compreensão ($t = -2.062$, $p < .05$).

Tabela 5. Médias, desvios-padrão e testes t das variáveis em estudo

	Masculino (N=59)		Feminino (N=63)		t	p
	M	DP	M	DP		
Sugestionabilidade total	13,017	4,121	12,113	4,421	1,162	,248
Sim/Não	3,475	1,706	3,143	1,674	1,084	,281
Alternativas	5,779	1,723	5,500	2,179	,781	,437
Repetidas	3,153	2,058	3,031	2,087	,322	,748
Memória	7,98	3,511	8,92	3,654	-1,436	,154
Informação	11,83	3,587	11,44	3,039	,655	,514
Vocabulário	11,66	3,294	11,47	3,665	,305	,761
Compreensão	9,49	2,861	10,58	2,945	-2,062	,041
Inteligência não-verbal	25,712	4,843	25,794	5,181	-,090	,928
Autoconceito	49,119	6,938	49,500	6,264	-,318	,751
Vinculação	128,918	17,212	133,540	14,013	-1,466	,146

3. Estudo III: Diferenças associadas à idade

Explorou-se o impacto que a Idade poderia ter nas diferentes variáveis em estudo. Uma comparação de médias (ANOVA) revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Memória ($F_{(2,119)} = 15.321$, $p < .001$), Inteligência não-verbal ($F_{(2,119)} = 18.284$, $p < .001$), Sugestionabilidade total ($F_{(2,119)} = 3.470$, $p < .05$), e no componente Sim/Não ($F_{(2,119)} = 9.763$, $p < .001$).

Comparações múltiplas *a posteriori*, com base no Tukey HSD, revelaram diferenças estatisticamente significantes para a variável Memória entre as crianças com 6 (M = 6.62; DP = 3.523) e com 8 anos (M = 10.53; DP = 2.914; $p < .001$), e também entre as crianças com 7 (M = 7.95; DP = 3.286) e com 8 anos ($p = .001$).

Quanto à Inteligência não-verbal, existem diferenças significativas

entre as crianças de 6 (M = 22.216; DP = 4.204) e 7 anos (M = 26.548; DP = 5.218; $p < .001$), assim como entre os sujeitos com 6 e 8 anos (M = 28.023; DP = 3.655; $p < .001$).

No que respeita à Sugestionabilidade total, as crianças de 6 anos (M = 13.919; DP = 3.954) obtêm valores superiores às crianças de 8 anos (M = 11.442; DP = 3.996), diferença essa com significância estatística ($p = .026$).

Já na componente Sim/Não, as crianças mais velhas (M = 2.512; DP = 1.437) apresentam diferenças significativas tanto com o grupo com 6 anos (M = 4.054; DP = 1.615; $p < .001$), como com o de 7 anos (M = 3.452; DP = 1.685; $p = .019$).

Estes resultados encontram-se em anexo, na Tabela 12.

4. Estudo VI: Diferenças associadas ao Pensamento Operatório

Analisando a Tabela 6, vemos que as diferenças nas pontuações obtidas pelo grupo de crianças Conservadoras e Não Conservadora são estatisticamente significativas nas variáveis Memória ($t = -2.236$, $p < .05$), Vocabulário ($t = -2.158$, $p < .05$) e Inteligência não-verbal ($t = -4.923$, $p < .01$). Nestas variáveis, os sujeitos classificados como Conservadores obtiveram pontuações superiores aos Não Conservadores.

No que às medidas de sugestionabilidade diz respeito, embora os sujeitos Não Conservadores tenham tido resultados mais altos (exceto na subescala Alternativas), as diferenças entre os grupos não possuem relevância estatística.

Tabela 6. Médias, desvios-padrão e testes t das variáveis em estudo

	Conservador (N=76)		Não conservador (N=46)		t	p
	M	DP	M	DP		
Sugestionabilidade total	12,460	4,440	12,711	4,480	,310	,757
Sim/Não	3,158	1,617	3,544	1,798	1,224	,224
Alternativas	5,711	1,832	5,511	2,191	-,538	,592
Repetidas	3,066	2,093	3,130	2,040	,167	,868
Memória	9,03	3,702	7,54	3,264	-2,236	,027
Informação	12,03	3,107	10,96	3,561	-1,734	,085
Vocabulário	12,08	3,588	10,69	3,125	-2,158	,033
Compreensão	9,99	2,850	10,16	3,126	,304	,762

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

Inteligência não-verbal	27,342	4,480	23,130	4,740	-4,923	,000
Autoconceito	49,934	5,758	48,267	7,724	-1,353	,179
Vinculação	132,313	15,524	129,031	16,295	-,968	,335

5. Estudo V: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 6 anos

A Sugestionabilidade total correlaciona-se de uma forma negativa e moderada com o subteste Vocabulário ($r = -.403$, $p = .015$). No que respeita às subescalas do BTSS, apenas se verificaram correlações significativas na subescala Sim/Não. Esta mostra uma correlação negativa com o Vocabulário ($r = -.351$, $p = .036$) e com o Autoconceito ($r = -.361$, $p = .030$).

Quanto a outras correlações existentes entre as variáveis, pode-se dizer que a Memória possui uma correlação moderada e positiva com os subtestes da WISC Vocabulário ($r = .497$, $p = .002$) e Compreensão ($r = .418$, $p = .011$), com o Autoconceito ($r = .472$, $p = .004$) e com a Vinculação ($r = .414$, $p = .029$). O Autoconceito correlaciona-se moderadamente com a Inteligência não-verbal ($r = .450$, $p = .006$). A variável Vocabulário apresenta ainda uma correlação moderada com o Autoconceito ($r = .526$, $p = .001$).

Tabela 7. Correlações entre as variáveis para os sujeitos com 6 anos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 - Memória	-										
2 - Informação	,245	-									
3 - Vocabulário	,497**	,526**	-								
4 - Compreensão	,418*	,508**	,336*	-							
5 - Auto - conceito	,472**	,320	,526**	,101	-						
6 - Inteligência não-verbal	,218	,253	,082	,031	,450**	-					
7 - Sugestionabilidade total	-,194	-,184	-,403*	,016	-,307	,033	-				
8 - Sim/Não	-,270	-,175	-,351*	-,094	-,361*	-,104	,610**	-			
9 - Alternativas	-,016	,037	-,117	,002	,015	,172	,524**	,135	-		
10 - Repetidas	-,043	-,249	-,308	,070	-,262	-,054	,671**	,193	-,121	-	
11 - Vinculação	,414*	-,171	-,050	,002	,271	-,055	,147	-,096	-,064	,369	-

** . $p \leq .01$; * . $p < .05$

6. Estudo VI: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 7 anos

Na amostra de sujeitos com 7 anos, encontramos correlações moderadas entre a Sugestionabilidade total e as variáveis Memória ($r = -.507$, $p = .001$) e Vocabulário ($r = -.421$, $p = .006$), enquanto as correlações com a Compreensão ($r = -.346$, $p = .027$) e Vinculação ($r = -.352$, $p = .048$) são consideradas baixas. Para as subescalas do BTSS, foram encontradas correlações entre a subescala Sim/Não e a Memória ($r = -.492$, $p = .001$), o Vocabulário ($r = -.321$, $p = .038$) e a Compreensão ($r = -.365$, $p = .017$). A subescala Alternativas correlaciona-se significativamente apenas com a Compreensão ($r = -.340$, $p = .030$). Já a subescala Repetidas mostra correlações negativas com a Memória ($r = -.456$, $p = .003$), com o Vocabulário ($r = -.354$, $p = .022$) e com a Vinculação ($r = -.351$, $p = .045$).

No que respeita às restantes variáveis, observa-se uma correlação moderada entre a Inteligência não-verbal e a Informação ($r = .461$, $p = .002$).

Tabela 8. Correlações entre as variáveis para os sujeitos com 7 anos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 - Memória	-										
2 - Informação	,258	-									
3 - Vocabulário	,139	,314*	-								
4 - Compreensão	,143	,118	,239	-							
5 - Auto - conceito	,147	,236	,136	-,017	-						
6 - Inteligência não-verbal	,306	,461**	,177	,095	,251	-					
7 - Sugestionabilidade total	-,507**	-,236	-,421**	-,346*	-,010	-,160	-				
8 - Sim/Não	-,492**	-,228	-,321*	-,365*	-,168	-,226	,709**	-			
9 - Alternativas	-,216	-,097	-,250	-,340*	,225	-,050	,820**	,440**	-		
10 - Repetidas	-,456**	-,236	-,354*	-,152	-,065	-,129	,792**	,332*	,461**	-	
11 - Vinculação	,239	-,079	,272	,300	,188	,252	-,352*	-,152	-,272	-,351*	-

** $p \leq .01$; * $p < .05$

7. Estudo VII: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 8 anos

Como se pode verificar pela Tabela 9, no grupo de sujeitos com 8 anos de idade, observam-se correlações negativas baixas entre a Sugestionabilidade total e os subtestes da WISC Informação ($r = -.328$, $p = .032$), Vocabulário ($r = -.400$, $p = .008$) e Compreensão ($r = -.347$, $p = .023$). A subescala Sim/Não mostra correlações com as variáveis acima mencionadas (Informação: $r = -.336$, $p = .020$); Vocabulário ($r = -.438$, $p = .003$); Compreensão ($r = -.333$, $p = .029$). A subescala Alternativas correlaciona-se com o Autoconceito ($r = .301$, $p = .050$), embora a associação entre as variáveis seja baixa. A componente Repetidas apresenta uma correlação negativa e baixa com a Informação ($r = -.360$, $p = .018$).

Para as demais variáveis, surgem correlações entre a Memória e a Compreensão ($r = .310$, $p = .010$), e esta primeira com a Vinculação ($r = .417$, $p = .009$). A Inteligência não-verbal mostra uma associação baixa com a Informação ($r = .352$, $p = .021$) e o Vocabulário ($r = .318$, $p = .038$).

Tabela 9. Correlações entre as variáveis para os sujeitos com 8 anos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 - Memória	-										
2 - Informação	,142	-									
3 - Vocabulário	,203	,550**	-								
4 - Compreensão	,390**	,427**	,618**	-							
5 - Auto - conceito	,104	,107	,143	,239	-						
6 - Inteligência não-verbal	,164	,352*	,318*	,242	,064	-					
7 - Sugestionabilidade total	-,158	-,328*	-,400**	-,347*	,300	-,125	-				
8 - Sim/Não	-,272	-,336*	-,438**	-,333*	,188	-,030	,714**	-			
9 - Alternativas	-,278	-,090	-,223	-,255	,301*	-,130	,712**	,315*	-		
10 - Repetidas	,064	-,360*	-,286	-,282	,188	-,098	,756**	,381*	,242	-	
11 - Vinculação	,417**	,220	,022	,134	-,029	,134	-,045	-,156	,104	-,144	-

** . $p \leq .01$; * . $p < .05$

8. Estudo VIII: Valor preditivo das variáveis em cada idade

De modo a averiguar o valor preditivo das variáveis para as diferentes idades, recorreu-se à regressão linear com método *enter*.

Nas crianças com 6 anos, 14% da variância na Sugestionabilidade total é explicada pela variância no Vocabulário. É possível dizer que a relação entre estas variáveis não resulta do erro amostral ($F_{(1,34)}= 6,579$, $p=.015$). As variáveis predictoras Informação, Vocabulário e Compreensão explicam globalmente 34% da variância na Memória ($F_{(3,36)}=5,453$, $p=.004$). No entanto, apenas o Vocabulário ($p=.009$) e a Compreensão ($p=.044$) se revelam significativos, sendo que o contributo do Vocabulário ($\beta=.476$) é superior ao da Compreensão ($\beta=.351$).

Os resultados encontrados no grupo de crianças com 7 anos permite afirmar que a Memória influencia de forma significativa a Sugestionabilidade total ($F_{(1, 38)}= 13,135$, $p=.001$) assim como os resultados nos componentes Sim/Não ($F_{(1, 39)}= 12,441$, $p=.001$) e Repetidas ($F_{(1, 39)}= 10,212$, $p=.003$). 24 % ($p=.001$) da variância da amostra na Sugestionabilidade total é devida à variância da amostra na Memória. Para os componentes Sim/Não e Repetidas, a variância da amostra na variável Memória permite explicar, respetivamente, 22% ($p=.001$) e 19 % ($p=.003$) da variância encontrada nos outros componentes.

A Informação, o Vocabulário e a Compreensão predizem 19% da variância dos resultados na Sugestionabilidade total ($F_{(3, 37)}= 4,088$, $p=.013$). A Vinculação também influencia de forma significativa, embora muito modesta, a Sugestionabilidade total aos 7 anos, permitindo predizer 9% da variância.

O modelo de regressão linear que inclui a Informação, Vocabulário e Compreensão explica 13% da variância na Sugestionabilidade total da amostra de crianças com 8 anos.

V - Discussão

1. Estudo I: características psicométricas dos testes

No que diz respeito a análise da fidelidade, a versão portuguesa do BTSS revelou, no presente estudo, um valor de consistência interna aceitável para efeitos de investigação ($\alpha=.747$), apesar de no estudo de Endres (1997) o valor ter sido superior ($\alpha=.85$), o que pode ser justificado pela faixa etária utilizada na sua amostra (crianças entre os 4 e os 10 anos). Na adaptação portuguesa, Costa (2008) obteve um valor de consistência interna de .714,

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operativo em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

utilizando na sua amostra crianças de 8 e 9 anos de idade (n=145), pelo que consideramos o valor de Alfa de Cronbach obtido na nossa amostra como sendo bastante satisfatório. Sabe-se que o nível de sugestibilidade varia com a idade, portanto se fossem inseridos mais sujeitos no estudo de diferentes idades (tal como no estudo de Endres), poderíamos ter obtido um valor de consistência interna do teste mais forte. Quanto aos componentes do BTSS, os valores de Alfa obtidos foram igualmente inferiores aos referidos por Endres (1997). Ainda assim, os valores obtidos no presente estudo aproximam-se dos valores de Costa (2008).

No que respeita à análise fatorial em componentes principais, ao serem extraídos três fatores verificamos que a divisão difere ligeiramente da proposta original de Endres (1997). Alguns itens saturam em componentes diferentes dos inicialmente propostos, mas optou-se por manter a distribuição original, uma vez que a diferença entre essa e aquela que obtivemos não é relevante, e poderá ser devida ao menor grau de representatividade da população de crianças dos 6 aos 8 anos. Na Tabela 11 verificamos a existência de itens do BTSS que aumentariam o valor de consistência interna da escala total se fossem removidos. Ainda assim, optámos por seguir a proposta original e não remover nenhum item uma vez que o incremento na consistência interna não se revela significativo.

No que respeita aos testes que visam medir o autoconceito (PHCSCS-2) e a perceção de vinculação materna (PCV-M), os valores de consistência interna obtidos são considerados bons. O valor obtido na adaptação portuguesa do PHCSCS-2 (Veiga, 2006) foi ligeiramente superior ($\alpha=.90$). A amostra utilizada (n=830) é muito superior à do presente estudo, assim como a faixa etária abrangida, o que pode ter contribuído para este valor. Quanto ao PCV-M, o facto de o número de sujeitos abrangidos pelo presente estudo ser superior ao do estudo original (n=92) pode ter contribuído para o valor de consistência interna ser superior ao do valor obtido pelos autores originais ($\alpha=.86$).

2. Estudo II e III: Diferenças de género e de idade

Apenas foram encontradas diferenças em relação ao género com significância estatística na variável Compreensão, mostrado resultados

superiores para o sexo feminino. Resultados semelhantes têm sido referidos na literatura científica (Joly & Istome, 2008).

Quanto às medidas de sugestionabilidade (Escala Total e componentes), as diferenças encontradas não são significativas, pelo que a hipótese 1 (p. 15) é corroborada.

Reportando-nos agora à idade das crianças, foram encontradas diferenças significativas nas variáveis Memória, Inteligência não-verbal, Sugestionabilidade total e no componente Sim/Não do BTSS entre crianças com 6, 7 e 8 anos.

Recorrendo aos testes *post-hoc*, verificamos que, quanto à sugestionabilidade, as crianças de 8 anos têm resultados inferiores às de 6 anos. Portanto, podemos concluir que as crianças de 6 anos são significativamente mais sugestionáveis do que as de 8 anos, corroborando a hipótese 2. Este resultado vai ao encontro do que vem referido na literatura (Bruck & Ceci, 1999; Candel et. al, 2000; Chae & Ceci, 2005; Poole & Lamb, 1998). Acresce ainda a existência de diferenças significativas no componente Sim/Não (itens que contém informação incorreta), sendo que as crianças de 8 anos aderem menos à sugestão do que os seus pares de 6 e 7 anos.

Os resultados na Memória foram obtidos através da evocação livre da história do BTSS. A este respeito, as crianças de 8 anos evocaram mais informação livremente do que as de 6 ou 7 anos, por isso se verifica um resultado superior na variável Memória. Como foi referido anteriormente, existem diferenças desenvolvimentais na memória e com a idade, aumenta a quantidade de informação que a criança consegue manter na memória, o que leva a uma evocação mais eficaz e permite um pensamento mais complexo (Papalia et al., 2001). Também Chae e Ceci (2005) referem que crianças mais velhas são capazes de relatar mais informação acerca de um acontecimento passado do que as mais novas. A conclusão supracitada tem, portanto, correspondência teórica. Além disso, os resultados obtidos são semelhantes aos de London, Bruck e Melnyk, (2009) que encontraram uma correlação positiva entre idade e a quantidade de informação evocada livremente.

Quanto à Inteligência não-verbal, importa dizer que foram analisados os resultados brutos das MPCR (e não os percentis por idade).

Sendo assim, verificamos que as crianças de 8 anos responderam a mais itens acertadamente do que as de 6 e de 7 anos, como é esperado (Simões, 2000). Contudo, os resultados obtidos em cada idade encontram-se dentro da média esperada ($M \pm 2DP$) (cf. Anexo 10).

3. Estudo VI: Diferenças associadas ao Pensamento Operatório

Comparando o grupo de crianças Conservadoras com o grupo de crianças Não Conservadoras, surgem diferenças significativas nas variáveis Memória, Vocabulário e Inteligência não-verbal, com as crianças Conservadoras a mostrar pontuações mais altas.

Quanto à sugestibilidade, não foram encontradas diferenças significativas entre as Conservadoras e as Não Conservadoras. Por esse motivo, a hipótese 6 não foi confirmada. Salientamos novamente que os resultados obtidos na variável idade corresponderam ao que se esperava (as crianças mais velhas são menos sugestíveis), o que levanta a possibilidade dos resultados observados para o pensamento operatório poderão ser devidos a uma variável parasita que não tenha sido controlada no presente estudo (por exemplo, ansiedade das próprias crianças à situação de avaliação, desempenho escolar, etc.).

Outra hipótese que se levanta é o facto dos resultados observados poderem ter sofrido um enviesamento provocado pela forma escolhida de classificação das crianças. No presente estudo, as crianças foram classificadas apenas em “Conservador” ou “Não conservador” (se em algum momento do questionamento, afirmaram que havia quantidades diferentes de plasticina), ignorando-se o estado intermédio. De futuro, sugere-se que esta classificação inclua os subníveis ou que seja adotado a classificação utilizada por Muir-Broadus e colaboradores (1998). Os autores, no seu trabalho, atribuíram 0, 1, 2 ou 3 pontos consoante a qualidade da resposta dada pela criança (desde afirmarem que a bola e a salsicha são diferentes, até à fase em que reconhecem a igualdade da bola e da salsicha e justificam com um argumento satisfatório).

4. Estudo V: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 6 anos

No que respeita às crianças com 6 anos de idade, a Sugestionabilidade total, assim como o componente Sim/Não, correlacionam-se negativamente com o Vocabulário. Podemos concluir que o conhecimento de palavras por parte da criança contribui para a diminuição do grau de aquiescência à sugestão. No entanto, Bruck e Melnyk (2004), na revisão bibliográfica que fizeram, não encontraram relação entre o vocabulário e a sugestionabilidade. Mesmo assim, sabe-se que o tipo de questionamento influencia as respostas das crianças, sobretudo as mais novas (Chae & Ceci, 2005), por isso pode-se argumentar que as crianças poderão não ter compreendido alguns itens e ter contribuído para o enviesamento das suas respostas. A subescala Sim/Não mostra ainda uma correlação negativa com o autoconceito. Como foi referido anteriormente, as crianças aprendem que a oposição aos adultos provoca reações negativas e preferem concordar com o entrevistador. Sabe-se também que crianças com um autoconceito mais pobre podem ceder mais facilmente à pressão social para concordar com o entrevistador (Chae & Ceci, 2006). Aliando este facto à tendência para as crianças considerarem os adultos como fonte segura de informação (Leichtman & Ceci, 1995 in Candel et. al, 2000), o resultado poderá ser a aceitação da sugestão implicada na pergunta (como acontece no componente Sim/Não, onde se relata informação errada fazendo crer à criança que a resposta esperada é “sim”). Pode assim dizer-se que a hipótese 4 foi em parte confirmada para as crianças de 6 anos

Para a variável Memória, encontraram-se correlações positivas com Vocabulário e Compreensão (medidos pelos subtestes da WISC), o que nos leva a concluir que as crianças com inteligência verbal superior evocaram mais informação espontaneamente, tal como afirmam Chae e Ceci (2005) e como preconiza a hipótese 8, pelo que esta é corroborada para as crianças com 6 anos.

5. Estudo VI: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 7 anos

Neste grupo de crianças, a Sugestionabilidade total revelou *Bonn Test of Statement Suggestibility* (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

correlações negativas e significativas com a Memória, Vocabulário, Compreensão e Vinculação.

Tal como alguns autores (Candel et al., 2000; Chae & Ceci, 2005; Cunha, Albuquerque & Freire 2007), também no presente estudo se verificou a existência de uma correlação negativa entre a evocação livre no BTSS e a sugestibilidade. São encontradas na literatura várias justificações para que tal aconteça, como por exemplo, crianças com capacidades mnésicas mais pobres são menos capazes de detetar discrepâncias entre o evento original e a informação errónea captada posteriormente, o que aumentará a suscetibilidade à sugestão (Schooler & Loftus, 1986 in Candel et al., 2000); ou ainda pessoas cuja memória se deteriora rapidamente confiam mais nas pistas dadas por outros do que no seu próprio juízo (Gudjonsson, 1992 in Candel et al., 2000). Candel, Merckelbach e Muris (2000) justificam o facto de crianças mais novas estarem mais suscetíveis a incorporar informação errada na memória devido à sua dificuldade em distinguir as memórias que foram percebidas por elas próprias das que derivam do que os outros lhes dizem. Assim sendo, a hipótese 7 é verdadeira para esta faixa etária.

Tal como no ponto anterior, também a sugestibilidade nas crianças com 7 anos se correlaciona com o Vocabulário. Acresce a isso a correlação com a Compreensão. Segundo Cunha e colaboradores (2007) a sugestibilidade está mais fortemente relacionada com dificuldades de expressão ou de compreensão do que propriamente com o vocabulário. Podemos concluir, assim, que crianças com um conhecimento superior do léxico e que demonstrem compreender melhor e responder a questões rotineiras são menos sugestíveis do que as que possuem um conhecimento lexical fraco e compreensão inferior.

A hipótese 3 também é corroborada uma vez que estes resultados permitem afirmar que crianças percebidas pela mãe como tendo um estilo de vinculação mais seguro são menos sugestíveis do que aquelas cujas mães veem o estilo de vinculação do filho como sendo menos seguro. Estes resultados estão de acordo com as conclusões do estudo de Clarke-Stewart e colaboradores (2004).

6. Estudo VII: Correlações entre as variáveis para os sujeitos de 8 anos

No conjunto de crianças com 8 anos de idade, surgiram correlações negativas entre a Sugestionabilidade total e a Informação, o Vocabulário e a Compreensão (as mesmas correlações foram encontradas para o componente Sim/Não). Ou seja, referimo-nos aos três testes relacionados com a inteligência verbal, o que possibilita dizer que quanto maior for o nível de inteligência verbal das crianças com 8 anos, menos sugestionáveis serão. Embora essa não fosse uma hipótese do presente estudo, Chae e Ceci (2005) relatam resultados semelhantes mas para crianças mais novas (5 e 6 anos). A subescala Alternativas (itens com duas possibilidades de resposta erradas) possui uma correlação baixa e negativa com o autoconceito. Neste caso, pode-se argumentar que, uma vez que crianças com um autoconceito mais pobre podem ceder mais facilmente à pressão social para concordar com o entrevistador (Chae & Ceci, 2006), as questões alternativas podem passar a mensagem ao entrevistado de que qualquer resposta diferente das alternativas apresentadas será rejeitada (Endres, 1997) e, portanto, a criança opta por uma das opções de resposta apresentadas.

Existe uma correlação positiva baixa entre a Memória e a Compreensão, o que nos leva a dizer que o nível de compreensão verbal está relacionado positivamente com a quantidade de informação da história do BTSS evocada livremente.

7. Estudo VIII: Valor preditivo das variáveis em cada idade

Quanto às variáveis preditoras da sugestionabilidade, a que se salienta no grupo de crianças com 6 anos é o Vocabulário, embora se seja um valor baixo. Esta influência dá-se em sentido negativo. As variáveis que dizem respeito à inteligência verbal (Informação, Vocabulário e Compreensão) predizem, no seu conjunto, 34% da variância observada na Memória, o que sustenta a hipótese 8 deste estudo. Estes resultados são sustentados pela bibliografia científica que relata que a memória melhora o seu desempenho juntamente com o desenvolvimento de estruturas cognitivas e da linguagem (Howe et. al, 2009; Papalia et al., 2001). O desenvolvimento da linguagem permite uma nova forma de organizar as memórias, o que leva

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

as crianças a conseguir retê-las por mais tempo (Fivush, 2002) e, conseqüentemente, a evocar livremente mais informação de uma história ouvida anteriormente.

Quanto às crianças com 7 anos, a Memória revelou-se uma variável preditora significativa para a Sugestionabilidade total e também para os componentes Sim/Não e Repetidas, explicando entre 19 e 24% da variância encontrada. Estes resultados suportam a hipótese 7, onde se defende que crianças com um traço mnésico mais forte são menos sugestionáveis. Na sua globalidade, a Informação, o Vocabulário e a Compreensão são preditores relevantes da Sugestionabilidade total. Por outras palavras, a inteligência verbal prediz significativamente a sugestionabilidade de crianças com 7 anos. Outro preditor encontrado, embora mais fraco, é a vinculação, tal como se refere na hipótese 4. A influência desta variável dá-se em sentido negativo e permite explicar 9% da variância na sugestionabilidade do grupo de sujeitos com 7 anos.

Por último, a inteligência verbal (medida pelos testes Informação, Vocabulário e Compreensão da WISC) também se revela um preditor significativo para a sugestionabilidade nas crianças com 8 anos. Na amostra do presente estudo, tal como aconteceu com Chae e Ceci (2005), foi encontrada uma correlação negativa entre inteligência verbal e sugestionabilidade. Baseando-nos neste resultado, seria de esperar que a inteligência verbal fosse um preditor significativo da sugestionabilidade, o que se verifica.

8. Limitações e Orientações Futuras

A extensão do protocolo e o tempo despendido na recolha de dados foi considerada uma limitação, uma vez que condicionou o número de sujeitos da amostra.

Quanto aos testes, o PHCSCS-2 tem itens que consistentemente eram alvo de dúvidas por parte das crianças, o que pode ter condicionado as suas respostas. Por exemplo, o item 24 “Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma” e os itens 46 e 54 “Sou popular entre os rapazes / raparigas”. Também a dicotomia das respostas pode ter influenciado os resultados, uma vez que as crianças têm que optar por uma opção (Sim ou

Não) em caso de incerteza.

No que respeita ao BTSS, e tal como o autor da tradução portuguesa refere (Costa, 2008) fica a sensação de que alguns itens são mal compreendidos pelas crianças (nomeadamente o item 14 “O pato andava com pilhas elétricas ou tinha de ser puxado?”). Esta situação pode ter influenciado as respostas das crianças, pelo que se sugere uma revisão da tradução dos itens.

A quase totalidade dos estudos referidos analisa a variável sugestionabilidade como o nível em que a criança relata experiências ou pormenores que não experienciou. De futuro, seria interessante estudar em que medida as sugestões podem levar as crianças a omitir experiências que realmente viveram (Motzkau, 2009).

A sugestionabilidade é influenciada por um vasto leque de fatores que vão muito além dos cognitivos e psicossociais. As variáveis sociais como o ambiente de questionamento (acusatório/compreensivo) ou as crenças/tendenciosidade do entrevistador também são referidas como contribuindo para a aquiescência à sugestão (Bruck & Ceci, 1999), e por isso, poder-se-ia relacionar estas variáveis com a sugestionabilidade medida através do *BTSS*. Também as variáveis ligadas á personalidade (impulsividade, timidez, extroversão, neuroticismo, etc.) podem exercer influência na aceitação de sugestões e nas respostas a perguntas sugestivas. De futuro, poder-se-ia estudar a relação destas com a sugestionabilidade em crianças, medida com o *BTSS*. Seria interessante, ainda, comparar resultados obtidos na sugestionabilidade medida pelo *BTSS* com um grupo de crianças que recebessem uma instrução direta no sentido de poderem responder “não sei” caso não tenham certeza da resposta correta. Pretende-se, assim, analisar as diferenças existentes na sugestionabilidade manifesta, não decorrentes da forma como são colocadas as perguntas.

Houve um esforço no sentido de a amostra recolhida ser representativas das crianças da zona centro, uma vez que foram recolhidos dados em três distritos da zona centro (Aveiro, Coimbra e Leiria). Para estudos posteriores, recomenda-se a ampliação da zona de recolha de dados por forma a aumentar a representatividade da amostra.

VI - Conclusões

A temática da sugestionabilidade em crianças tem sido alvo de crescente interesse nos últimos anos, em parte devido a uma mudança de princípios que regem o sistema judicial. Contudo, consideramos que esta característica deve ser alvo de estudo não só na área forense, mas, por exemplo, em contexto escolar clínico. O que está em causa é a capacidade de as crianças relatarem informações válidas e fiáveis, e conhecendo os fatores que explicam as diferenças individuais ligadas à sugestionabilidade, pode-se tentar controlar a influência desta característica nos relatos das crianças.

O presente estudo tem como principais objetivos avaliar em que medida as variáveis “vinculação”, “autoconceito”, “inteligência”, “memória” “nível operatório” e “idade” se relacionam com a sugestionabilidade interrogativa em crianças dos 6 aos 8 anos de idade. Ou seja, pretendemos perceber a influência de variáveis psicossociais nas respostas de crianças a questões sugestivas.

Constatou-se que tanto o BTSS, como o PHCSCS-2 e o PCV-M possuem boas qualidades psicométricas, como se verificou pela análise da sua consistência interna, análise fatorial e correlações dentro do próprio instrumento e entre instrumentos, cuja relação é já conhecida pela literatura científica. Como vem referido na literatura, também neste estudo as crianças mais novas foram mais sugestionáveis do que os seus pares mais velhos.

Encontraram-se relações negativas entre a sugestionabilidade e o Vocabulário nas crianças de 6 anos, concluindo-se que as crianças com resultados mais elevados no subteste Vocabulário da WISC (que mede o conhecimento lexical) são menos sugestionáveis. A variável Vocabulário revelou ser a melhor preditora da sugestionabilidade nesta idade. Um dos componentes do BTSS (Sim/Não) correlaciona-se de forma negativa com o autoconceito, ou seja, crianças de 6 anos com um autoconceito mais baixo (medido através do PHCSCS-2) aderem às sugestões veiculadas nas questões que relatam informação errada. Para esta idade, as variáveis que dizem respeito à inteligência verbal (Informação, Vocabulário e Compreensão) são bons preditores do desempenho mnésico.

No grupo de crianças com 7 anos, emergiram correlações significativas entre a sugestionabilidade e a memória, e a primeira com dois dos testes que visam medir a inteligência verbal (Vocabulário e

Compreensão) e também com a vinculação. Todas as correlações vão no sentido negativo. Por outras palavras, as crianças de 7 anos que evocaram mais informação livremente acerca da história do BTSS, obtiveram resultados mais elevados no Vocabulário e Compreensão e que são percebidas pelas mães como tendo uma vinculação mais segura, são menos sugestionáveis. Tanto a Memória como a inteligência verbal (medida pelos testes Informação, Vocabulário e Compreensão da WISC) são preditores relevantes da Sugestionabilidade total das crianças com 7 anos. As diferenças na perceção materna da vinculação também se tornam relevantes no que diz respeito à sua vulnerabilidade à sugestionabilidade interrogativa.

Por último, a sugestionabilidade nas crianças de 8 anos relaciona-se negativamente com os testes verbais da WISC (Informação, Vocabulário e Compreensão), o que nos permite dizer que a sugestionabilidade diminui tanto quanto maior for o resultado obtido nestes testes. Estes testes, globalmente, são bons preditores para a sugestionabilidade nas crianças com 8 anos. O componente Alternativas (questões que têm como opção de resposta duas alternativas erradas) e o autoconceito possuem uma correlação negativa, o que equivale a dizer que quanto mais baixo é o autoconceito das crianças com 8 anos, mais elas irão ceder à sugestão, concordando com uma das opções de resposta colocadas.

Como vem sendo referido na literatura, ao inquirir uma criança, deve-se ter em conta o tipo de questões colocadas, uma vez que se sabe que as respostas a perguntas abertas são mais precisas do que as respostas a perguntas específicas (Bruck & Ceci, 1999; Chae & Ceci, 2005; Laimon & Poole, 2008; Lamb et. al, 2008; Quas & Schaaf, 2002). De modo a contornar a possível propensão que as crianças têm para ceder à pressão social de concordar com o adulto, pode-lhes ser dito que, caso não saibam ou não se lembrem de uma resposta, têm a possibilidade de dizerem que a desconhecem, respondendo “não sei” ou “não me lembro”. Deve-se iniciar o questionamento com perguntas abertas e estas devem prevalecer ao longo da sessão. Se for necessário esclarecer pormenores, pode-se recorrer a questões específicas, partindo sempre do que foi dito pela criança (e não da visão do entrevistador) e não esquecendo que se corre o risco de diminuir a precisão da resposta (Melnik et al., 2007).

Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para o

desenvolvimento de novos estudos neste campo e esperamos que os resultados apresentados ajudem os profissionais a preparar entrevistas / interrogatórios que contemplem características que maximizem a recuperação de informação que a criança guardou na memória, minimizando os riscos das entrevistas sugestivas.

Bibliografia

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brown, A. L., Metz, K. E., & Campione, J. C. (1996). Social interaction and individual understanding in a community of learners: The influence of Piaget and Vygotsky. In A. Tryphon & J. Vonèche (Eds.), *Piaget-Vygotsky. The social genesis of thought* (pp. 145-170). Hove: Psychology Press.
- Bruck, M. & Ceci, S. J. (1999). The suggestibility of children's memory. *Annual Review of Psychology*, 50, 419-439.
- Bruck, M. & Melnyk, L. (2004). Individual differences in children's suggestibility: A Review and synthesis. *Applied Cognitive Psychology*, 18 (8), 947-996.
- Bruck, M., Ceci, S., Kulkofsky, S., Klemfuss, J. Z. & Sweeney, C. (2008). Children's testimony. In M. Rutter, D. Bishop, D. S. Pine, S. Scott, J. Stevenson, E. Taylor & A. Thapar (Eds.), *Rutter's Child and Adolescent Psychiatry* (5^a ed., pp. 81-94). Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing.
- Candel, I., Merckelbach, H. & Muris, P. (2000). Measuring interrogative suggestibility in children: Reliability and validity of the bonn test of statement suggestibility. *Psychology, Crime & Law*, 6 (1), 61-70.
- Chae, Y. & Ceci, S. J. (2005). Individual differences in children's recall and

- suggestibility: The effect of intelligence, temperament, and self-perceptions. *Applied Cognitive Psychology*, 19, 383-407.
- Chae, Y. & Ceci, S. J. (2006). Diferenças individuais na sugestionabilidade das crianças. In A. C. Fonseca (Ed.), *Psicologia Forense* (pp. 471-496). Coimbra: Almedina.
- Clarke-Stewart, K. A., Malloy, L. C. & Allhusen, V. D. (2004). Verbal ability, self-control, and close relationships with parents protect children against misleading suggestions. *Applied Cognitive Psychology*, 18, 1037 – 1058.
- Costa, A. (2008). Estudos com o Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): características psicométricas e efeitos das variáveis memória, inteligência, ansiedade geral e desejabilidade social. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (área de subespecialização em Psicologia Forense) apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Courage, M. L. & Cowan, N. (2009). What's new in research on the development of memory in infants and children? In M. L. Courage & N. Cowan (Eds.), *The Development of Memory in Infancy and Childhood* (pp. 1-10). East Sussex: Psychology Press.
- Crossman, A. M., Scullin, M. H. & Melnyk, L. (2004). Individual and Developmental Differences in Suggestibility. *Applied Cognitive Psychology*, 18, 941-945.
- Cunha, A. Q., Albuquerque, P. B. & Freire, T. (2007). Sugestionabilidade em crianças: definição de conceitos e análise de variáveis cognitivas. *Psychologica*, 46, 125-141.
- Dias, P., Soares, I., Freire, T. & Rios (2007). Escalas de percepção do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: versão para mães (PCV-M) e versão para professores (PCV-P). In M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves e L. S. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa:*

Vol. III (1ª Ed., pp. 229 – 245). Coimbra: Quarteto.

- Dolle, J. M. (2005). *Para compreender Jean Piaget* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Endres, J. (1997). The suggestibility of the child witness: the role of individual differences and their assessment. *The Journal of Credibility Assessment and Witness Psychology*, 2(1), 44-67.
- Fivush, R. (2002). Children's long term memory of childhood events. In P. Graf & N Ohta (Eds.), *Lifespan Development of Human Memory* (pp.83-100). Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Gudjonson, G. H. (1989). Theoretical and empirical aspects of interrogative suggestibility. In V. A. Gheorghiu, P. Netter, H. J. Eysenk & R. Rosenthal (Eds.), *Suggestion and suggestibility: theory and research* (pp. 135-143). Germany: Springer-Verlag.
- Howe, M. L., Courage, M. L. & Rooksby, M. (2009). The genesis and development of autobiographical memory. In M. L. Courage & N. Cowan (Eds.), *The Development of Memory in Infancy and Childhood* (pp. 177 – 196). East Sussex: Psychology Press.
- Inhelder, B. & Piaget, J. (1995). *A psicologia da criança* (2ª ed.). Porto: Edições ASA.
- Joly, M. C. R. A. & Istome, A. C. (2008). Compreensão em leitura e capacidade cognitiva: estudo de validade do teste Cloze Básico – MAR. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9(2), 219-228.
- Laimon, R. L. & Poole, D. A. (2008). Adults Usually Believe Young Children: The Influence of Eliciting Questions and Suggestibility Presentations on Perceptions of Children's Disclosures. *Law and Human Behavior*, 32, 489–501.
- Lamb, M. E., Hershkowitz, I., Orbach, Y. & Esplin, P. W. (2008). *Tell me what happened: structured investigative interviews of child victims and witnesses*. West Sussex: John Wiley & Sons.
- Bonn Test of Statement Suggestibility* (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

- Loftus, E. F. (1997). Creating false memories. *Scientific American*, 277, 70-75.
- London, K., Bruck, M. & Melnyk, L. (2009). Post-Event Information Affects Children's Autobiographical Memory After One Year. *Law and Human Behavior*, 33, 344-355.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J. & Shin, N. (2008). Autoconceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3, 423-433.
- Main, M., Hesse, E. & Kaplan, N. (2005). Predictability of attachment behavior and representational processes at 1, 6, and 19 years of age. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 245-304). New York: The Guilford Press.
- Melnyk, L., Crossman, A. M., & Scullin, M. H. (2007). The suggestibility of children's memory. In M. P. Toglia, J. D. Read, D. F. Ross, & R. C. L. Lindsay (Eds.), *Handbook of eyewitness psychology: Memory for events* (pp. 401-427). Mahwah NJ: Erlbaum.
- Montangero, J., & Maurice-Naville, D. (1994). *Piaget ou l'intelligence en marche*. Liège: Mardaga.
- Motzkau, J. F. (2009). Exploring the transdisciplinary trajectory of suggestibility. *Subjectivity*, 27, 172-194.
- Muir-Broaddus, J., King, T., Downey, D. & Petersen, M. (1998). Conservation as a predictor of individual differences in children's susceptibility to leading questions. *Psychonomic Bulletin & Review*, 5(3), 454-458.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança* (8a ed.). Lisboa: McGrawHill.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para as ciências sociais: A complementaridade do SPSS*: Lisboa: Silabo.

- Piaget, J. (1967). *La psychologie de l'intelligence*. Paris : Armand Colin.
- Piaget, J. (1976). *La formation du symbole chez l'enfant : imitation, jeu et rêve, image et représentation*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1941). *Le développement des quantités physiques chez l'enfant : conservation et atomisme* (3^a ed.). Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1979). *A psicologia da criança: do nascimento à adolescência*. Lisboa: Moraes Editores.
- Poole, D. A. & Lamb, M. E. (1998). *Investigative interviews of children: A guide for helping professionals*. Washington, D.C.: American Psychological Association
- Quas, J. A. & Schaaf, J. M. (2002). Children's memories of experienced and nonexperienced events following repeated interviews. *Journal of Experimental Child Psychology*, 83, 304–338.
- Roma, P., Sabatello, U., Verrastro G. & Ferracuti, S. (2011). Comparison between Gudjonsson Suggestibility Scale 2 (GSS2) and Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS) in measuring children's interrogative suggestibility. *Personality and Individual Differences*, 51, 488–491.
- Simões, M. M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Tese de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 381 – 434). Coimbra: Quarteto.
- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005). Placing early attachment experiences in developmental context: The *Bonn Test of Statement Suggestibility* (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operatório em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

- Minnesota Longitudinal Study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 48-70). New York: The Guilford Press.
- Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 265 – 286). New York: The Guilford Press.
- Veiga, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). Poster apresentado na *XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos*. Braga: Universidade do Minho.
- Wechsler, D. (2003). *Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças – Terceira Edição*. Manual. Lisboa: Cegoc.

Anexos

Anexo 1

Pedido de autorizações entregue às instituições de ensino para a realização da investigação

Coimbra, 4 de Janeiro de 2012

Ex.mo (a) Sr. (a) Diretor (a),

Venho por este meio solicitar a V. Exa. autorização para realizar um estudo no seu estabelecimento, que envolverá crianças do ensino básico (6, 7 e 8 anos de idade), no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, orientada pela Doutora Teresa Sousa Machado. Este trabalho pretende estudar a relação entre algumas características das crianças e a sugestionabilidade.

Os alunos apenas terão que ouvir uma história e visualizar algumas imagens, sem qualquer conteúdo que possa ferir a sua sensibilidade. Posteriormente, terão que responder a umas questões relativas ao que ouvirem e virem. Serão ainda administrados questionários de autorresposta (sobre a imagem de si mesmo) e tarefas de conhecimento verbal. O processo de recolha de dados terá a duração aproximada de 30/40 minutos.

Assegura-se a total confidencialidade dos dados obtidos, sendo que estes serão analisados apenas no seu conjunto e não os de cada criança individualmente.

Sem outro assunto, pede deferimento.

Atenciosamente,

(Cindy Dafflon)

Anexo 2

Pedido de autorizações entregue aos pais para a realização da investigação

Coimbra, 19 de Março de 2012

Ex.mo (a) Sr. (a) Encarregado (a) de Educação,

Venho por este meio solicitar a V. Exa. autorização para que o seu educando, _____, Turma _____, Ano _____, possa participar num estudo que envolverá crianças do ensino básico (6, 7 e 8 anos de idade), no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, orientada pela Doutora Teresa Sousa Machado. Este trabalho pretende estudar a relação entre algumas características das crianças e a sugestibilidade.

Os alunos apenas terão que ouvir uma história e visualizar algumas imagens, sem qualquer conteúdo que possa ferir a sua sensibilidade. Posteriormente, terão que responder a umas questões relativas ao que ouviram e viram. Serão ainda administrados questionários de autorresposta (sobre a imagem de si mesmo) e tarefas de conhecimento verbal. O processo de recolha de dados terá a duração aproximada de 30/40 minutos.

Solicito também a participação dos pais no preenchimento de dois questionários, o que não demorará mais de 5 minutos.

Assegura-se a total confidencialidade dos dados obtidos, sendo que estes serão analisados apenas no seu conjunto e não os de cada criança individualmente. Se tiver alguma dúvida / questão não hesite em contactar:

 xxxxxxxxx.

Com os melhores cumprimentos,

Cindy Dafflon

-----

(Assinale a sua opção com uma cruz no respetivo quadrado)

Autorizo Não Autorizo

o meu educando, _____, Turma _____, Ano _____, a participar num estudo que envolverá alunos do ensino básico (1º e 2º ano), no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Assinatura do (a) Encarregado (a) de Educação

Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS): Efeitos das variáveis inteligência, memória, vinculação, autoconceito e desenvolvimento operativo em crianças de 6, 7 e 8 anos
Cindy Dafflon (e-mail:dafflon.cindy@gmail.com) 2012

Anexo 3

Autorização do Dr. Feliciano Veiga para a utilização da PHCSCS-2 em crianças de 6 anos

RE: Investigação - Universidade de Coimbra

[Voltar a mensagens](#) |  

□ cindy dafflon
Para fhveiga@ie.ul.pt

14-12-2011 
[Responder](#) ▾

Boa noite,

realmente esqueci-me de referir quem nos está a orientar. A nossa orientadora é a Doutora Teresa Sousa Machado e teremos todo o gosto em enviar-lhe um exemplar quando terminarmos o trabalho.

Cumprimentos,
Cindy

> From: fhveiga@ie.ul.pt
> To: cindy_vl@hotmail.com
> Date: Wed, 7 Dec 2011 10:57:55 +0000
> Subject: RE: Investigação - Universidade de Coimbra
>
> Caras alunas,
>
> Sim podem ser vocês a ler os itens.
> Para autorização, digam quem está a orientar-vos, com a indicação de que no final me será enviado um exemplar do vosso trabalho, para registo.
>
> Com os meus cumprimentos,

> Feliciano Veiga

>

> _____

>

> Prof. Feliciano Henriques Veiga
> PhD Educational Psychology
> Associate Professorat with Agragation
> Institute of Education
> Alameda da Universidade,
> University of Lisbon
> 1649-013, Lisboa, Portugal
> Telef. (351) 21 794 3710
> Mail: fhveiga@ie.ul.pt

>

> De: cindy dafflon [cindy_vl@hotmail.com]
> Enviado: quarta-feira, 7 de Dezembro de 2011 10:52
> Para: Feliciano Veiga
> Assunto: Investigação - Universidade de Coimbra

>

>

>

>

> Bom dia,

>

> somos alunas do Mestrado Integrado em Psicologia da UC, e estamos a fazer uma investigação sobre sugestionabilidade em crianças. Uma das variáveis que pretendemos estudar é o auto-conceito e para isso pensámos usar a escala de auto-conceito de Piers-Harris. Sendo que a nossa amostra é de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, gostaríamos de saber a sua opinião quanto à utilização da escala nas crianças mais novas. Neste caso, seríamos nós a ler os itens às crianças.

>

> Desde já agradecemos a atenção dispensada.

>

> Atentamente,
> Cindy Dafflon
> Inês Azedo

Anexo 4

BTSS: Tabelas relativas à análise fatorial confirmatória e consistência interna

Tabela 10. BTSS: Análise Fatorial Confirmatória, com rotação *varimax*, e respetiva saturação por fatores

Item	“Repetidas”	“Alternativas”	“Sim / Não”
BTSS_5	,227	-,078	-,212
BTSS_10	,645	,060	,108
BTSS_11	,465	,065	,071
BTSS_12	,715	,005	,004
BTSS_18	,565	,073	,243
BTSS_23	,252	-,203	,063
BTSS_25	,705	,076	,032
BTSS_28	,575	,070	,128
BTSS_4	,230	,315	,312
BTSS_6	-,023	,637	-,291
BTSS_7	,349	,549	,207
BTSS_13	-,133	,366	,283
BTSS_14	-,162	,496	,372
BTSS_15	,025	,104	-,266
BTSS_17	,021	,723	,123
BTSS_20	,028	,333	,052
BTSS_26	,157	,710	-,038
BTSS_3	,157	,189	,380
BTSS_9	,148	,122	,347
BTSS_16	-,165	,113	,593
BTSS_19	,054	,178	,385
BTSS_21	,315	,014	,390
BTSS_24	,097	-,046	,564
BTSS_27	,331	-,020	,464
BTSS_29	,112	,096	,206
BTSS_30	,147	-,036	,465

Tabela 11. BTSS: Análise da consistência interna

Item	Média	Desvio-padrão	r item total (excluído o item)	Alfa de Cronbach (excluído o item)
BTSS_3	,37	,485	,300	,737
BTSS_4	,71	,455	,369	,733
BTSS_5	,43	,497	-,021	,759
BTSS_6	,69	,466	,085	,751
BTSS_7	,63	,485	,516	,722
BTSS_9	,30	,459	,258	,740
BTSS_10	,55	,500	,400	,730
BTSS_11	,46	,501	,270	,740
BTSS_12	,43	,497	,377	,732
BTSS_13	,77	,423	,188	,744
BTSS_14	,83	,373	,259	,740
BTSS_15	,94	,234	-,064	,752
BTSS_16	,10	,300	,201	,743
BTSS_17	,50	,502	,333	,735
BTSS_18	,46	,501	,432	,728
BTSS_19	,45	,500	,252	,741
BTSS_20	,89	,311	,162	,745
BTSS_21	,45	,500	,319	,736
BTSS_23	,06	,234	,063	,748
BTSS_24	,41	,494	,257	,740
BTSS_25	,36	,483	,437	,728
BTSS_26	,61	,489	,364	,733
BTSS_27	,43	,497	,351	,734
BTSS_28	,36	,481	,363	,733
BTSS_29	,06	,234	,164	,745
BTSS_30	,29	,455	,269	,739

Anexo 5
ANOVA para o fator idade

Tabela 12. ANOVA para o fator idade

Variável	Idade	n	M	DP	$F_{(2,119)}$	p	Tukey HSD
Memória	6	37	6,62	3,523	15,321	,000	6 < 8
	7	42	7,95	3,286			7 < 8
	8	43	10,53	2,914			
Informação	6	37	11,94	3,664	,359	,699	
	7	42	11,31	3,040			
	8	43	11,67	3,300			
Vocabulário	6	37	11,33	3,481	,942	,393	
	7	42	11,17	2,987			
	8	43	12,14	3,895			
Compreensão	6	37	10,28	2,679	2,028	,136	
	7	42	9,33	3,026			
	8	43	10,56	3,002			
Auto - conceito	6	37	49,250	7,319	,203	,817	
	7	42	48,881	6,797			
	8	43	49,791	5,779			
Inteligência não-verbal	6	37	22,216	4,204	18,284	,000	6 < 7
	7	42	26,548	5,218			6 < 8
	8	43	28,023	3,655			
Sugestionabili dade total	6	37	13,919	3,954	3,470	,034	6 > 8
	7	42	12,488	4,599			
	8	43	11,442	3,996			
Sim/Não	6	37	4,054	1,615	9,763	,000	6 > 8
	7	42	3,452	1,685			7 > 8
	8	43	2,512	1,437			
Alternativas	6	37	5,919	2,059	,644	,527	
	7	42	5,415	1,987			
	8	43	5,605	1,879			
Repetidas	6	37	3,297	2,355	,313	,732	
	7	42	3,071	1,905			
	8	43	2,930	1,981			
Vinculação	6	37	125,786	15,985	2,476	,089	
	7	42	134,091	16,152			
	8	43	132,816	14,638			

Anexo 6
Tabela das regressões para as crianças de 6 anos

Tabela 13. Regressão linear com o método *enter* para as crianças com 6 anos

VD	VI	β	t	p	F	p	R^2 <i>Ajustado</i>
Sugestionabilidade total	Vocabulário	-.403	-2.565	.015	6.579	.015	.137
	Informação	-.183	-.988	.331			
Memória	Vocabulário	.476	2.801	.009	5,453	.004	.276
	Compreensão	.351	2.094	.044			

Anexo 7
Tabela das regressões para as crianças de 7 anos

Tabela 14. Regressão linear com o método *enter* para as crianças com 7 anos

VD	VI	β	t	p	F	p	R^2 Ajustado
Sugestionabilidade total	Memória	-.507	-3.624	.001	13.135	.001	.239
Sim/Não	Memória	-.492	-3.527	.001	12.441	.001	.239
Repetidas	Memória	-.456	-3.196	.003	10.212	.003	.187
Sugestionabilidade total	Informação	-.096	-.635	.529			
	Vocabulário	-.327	-2.116	.041	4.088	.013	.188
	Compreensão	-.256	-1.740	.090			
Sugestionabilidade total	Vinculação	-.352	-2.061	.048	4.250	.048	.095

Anexo 8
Tabelas das regressões para as crianças de 8 anos

Tabela 15. Regressão linear com o método *enter* para as crianças com 8 anos

VD	VI	β	t	p	F	p	R^2 <i>Ajustado</i>
Sugestionabilidade total	Informação	-.137	-.788	.435	3.030	.041	.189
	Vocabulário	-.238	-1.186	.243			
	Compreensão	-.141	-.761	.451			

Anexo 9
MPCR: Médias e Desvios-Padrão da amostra

Tabela 16. MPCR: Médias e Desvios-Padrão obtidos na amostra e na aferição portuguesa (Simões, 2000)

Idade	Amostra		Aferição	
	M	DP	M	DP
6	22,216	4,204	16,91	5,46
7	26,547	5,218	18,01	5,47
8	28,023	3,654	20,49	5,72